

ISTO É

Edição 34 - 1º/5/26

50 ANOS

HUMILHAÇÃO NO PLENÁRIO

O presidente Lula sofre uma derrota histórica no Senado com a rejeição de Jorge Messias a uma vaga no STF e agora tenta conter danos que afetem a eleição em outubro

*A indicação de Messias
foi rejeitada por 42 votos;
ele precisava de 41
e conseguiu apenas 34*



Capa

Página
8



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

Plenário do Senado rejeita a indicação de Jorge Messias, escolha de Lula, para o STF

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ 50 ANOS

EDITORA EXECUTIVA
Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE
Alexandre Akermann

DESIGNER
Mayara Novais

DIRETOR COMERCIAL
Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram
[@revistaistoe](https://www.instagram.com/revistaistoe)

YouTube
[m.youtube.com/@revistaISTOE](https://www.youtube.com/@revistaISTOE)

X
[@revistaISTOE](https://twitter.com/revistaISTOE)

TikTok
[@revistaistoe](https://www.tiktok.com/@revistaistoe)

LinkedIn
[https://linkedin.com/company/istoe/](https://www.linkedin.com/company/istoe/)

Redação e correspondência
Rua Iguatemi, 192, 18º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

Índice

CAPA: FOTO DE CARLOS MOURA/AGÊNCIA SENADO

3 ENTREVISTA

8 BRASIL

15 ECONOMIA

20 INTERNACIONAL

24 GENTE

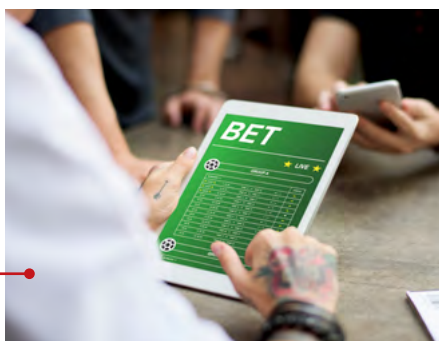
26 ESPORTE

30 ENTRETENIMENTO

39 MEMÓRIA

40 O MELHOR DAS REDES

41 PALAVRA POR PALAVRA



MAGNIFIC

Gasto das famílias com bets sobe 500% em 3 anos



ARTHURBARRRETO

Dívida da SAF Botafogo chega a R\$ 2,7 bi



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Morre a ativista e vereadora Luciana Novaes (RJ)



“É no São João da Thay que você vê pela primeira vez o encontro do Boi de Parintins com o nosso Bumba Meu Boi. Isso não tinha acontecido antes”

Quem é a Thaynara OG hoje?

É uma mulher com muito orgulho das suas raízes, uma mulher nordestina, forte, arretada, sonhadora e que acredita muito numa internet com propósito. A Thaynara hoje tem muita consciência da responsabilidade dentro dessa influência digital. Ela entende que a internet está para entreter, divertir, focar, mas que, assim como transforma a vida de vários influenciadores e criadores, dá para impactar e transformar a vida de outras pessoas. Eu me vejo nesse lugar e também como uma comunicadora que foi crescendo, surgiu no Snap, foi para outras plataformas, depois para a TV, filme.

Você começou quando era tudo muito novo nas redes sociais. O que acredita que fez as pessoas se conectarem com você de uma forma tão rápida e fiel?

Eu surgi no final de 2015 no Snapchat. A gente vivia uma fase de idealização. Seguia pessoas que idealizávamos demais, muito distantes. “Ah, sigo essa pessoa porque eu quero ser ela um dia, quero ter o carro dela, quero ter a vida dela, o casamento dela, o closet dela”. Eu surgi nadando contra a maré, sendo eu mesma. Eu tinha acabado de me formar em direito na [Universidade] Federal do Maranhão e decidi estudar para concurso público. A vida do concursado é sem nenhum tostão no bolso. Estudando e sem muita interação social. É uma vida de muito sacrifício. Eu usava o Snapchat para espalhar, era uma válvula de escape. Era meu dia a dia, estudando para concurso, com a internet caindo e minha mãe barraqueira me mostrando do jeito mais cru possível. Isso foi me conectando de verdade com as pessoas. E hoje a internet está nesse movimento. A gente já viveu uma era de idealização; hoje, a gente vive a era de identificação. A gente segue pessoas em que a gente se vê, com quem a gente de fato se identifica. Eu dou como exemplo a Mariana, que é um talento que está surgindo no Maranhão. Ela é de Bacabau, é uma mãe atípica, que viralizou pelas entrevistas que deu para um jornal local, desabafando que ela já está exausta, de forma muito espontânea e engraçada. Ela ganhou quase três milhões de seguidores em questão de semanas.

LEONARDO MONTEIRO

A rainha do São João

Influenciadora e empresária, Thaynara OG transformou um projeto que valoriza sua origem maranhense em um evento que impacta negócios e comunidades e fomenta o turismo na região

Amaranhense Thaynara OG, influenciadora, comunicadora e empresária, conquistou o Brasil a partir das redes e transformou sua presença online em uma marca consolidada. Ela começou a produzir conteúdo em um momento em que a mídia social estava voltada a um padrão mais aspiracional. Ao adotar uma abordagem pessoal e real, baseada em sua rotina e em sua identidade, construiu uma forte conexão com o público. “A gente já viveu uma era de idealização; hoje, vive a era da identificação”. As-

sim, construiu uma audiência fiel e que cresceu, o que a levou a outros segmentos, da TV a iniciativas fora do ambiente digital. Em 2017, deu novo passo ao criar o São João da Thay, evento que une cultura, impacto social e turismo e que se tornou um sucesso de público. O projeto surgiu a partir de uma motivação ligada à valorização da própria origem. Nesta edição, a oitava, o São João da Thay acontece no dia 6 de junho e em nova cidade: Imperatriz, no sul do estado.

Amanda Negrelli

Em que momentos percebeu que aquilo não era só uma fase viral, mas que podia se transformar em carreira?

Percebi primeiro pelas propostas das marcas a longo prazo. Isso já indicava alguma coisa: confiança no teu trabalho, credibilidade. Percebi também quando fui mudando as plataformas de comunicação. Sou uma pessoa tímida, na verdade. Falar com o celular para mim era muito confortável, porque na minha cabeça era só eu com o celular. Você não enxerga fisicamente as milhões de pessoas por meio do celular. Com isso, a internet me abriu portas para um programa no GNT, no Multishow. E eu muito nervosa: não estudei para isso, não sou comunicadora. Meu Deus, um filme, e eu não sou atriz. Foi quando entendi que já estavam me posicionando nesse lugar de uma pessoa com credibilidade, uma comunicadora 360°, não só limitada a uma plataforma de internet. Fui percebendo que poderia ser uma história longa.

Você construiu uma audiência enorme em muitas plataformas e nem todo mundo consegue transformar isso em algo sólido. O que você acha que fez de diferente?

Parece clichê, mas sempre falo que nunca fui aquela pessoa cega por dinheiro. Sempre tive muita responsabilidade, pé no chão. Ter esse filtro me fez escolher parcerias certas que foram me dando autoridade no mercado. Tive a sorte também de encontrar uma equipe alinhada a esse pensamento. Nesse mercado, às vezes, surge um talento com potencial enorme. Aí, vai lá o empresário, vende aquela pessoa para todo tipo de proposta, sem a preocupação de gerenciar a imagem, prolongar a carreira. Nunca priorizei dinheiro, mas sim o que dava credibilidade, o que estava dentro das minhas bandeiras.

Quando decidiu que não queria ficar só no digital? Quando decidiu criar o São João da Thay?

Ele não foi uma ideia que veio assim: “Ah, preciso ter algo fora do digital”. Veio de um sentimento genuíno. Hoje, tenho 34 anos e lembro que fui uma criança e uma adolescente com autoestima baixa. Tinha uma ideia er-



LEONARDO MONTEIRO

rada de sucesso por tudo que eu via na mídia e na TV sobre o meu estado. Lembro que eu ligava a TV e toda a notícia do Maranhão estava associada a algo negativo. Isso ia tirando o meu pertencimento, o orgulho de ser maranhense. Fui crescendo com essa ideia errada de que, para ter sucesso, tenho de sair daqui. Só que, quando me vi do nada viralizando pelo Snapchat, fazendo conteúdo dentro do meu quarto em São Luís, vi que as pessoas estão se conectando justamente por eu ser essa pessoa, a Thaynara maranhense, com essa cultura, esse sotaque. Isso me empoderou para querer mostrar ainda mais meu lugar e minha cultura. A querer desmistificar os preconceitos em torno do meu estado. A gente tem riquezas tanto na cultura quanto no turismo. É tão grande o nosso estado. E aí genuinamente veio essa ideia do São João da Thay. Sempre digo também que se eu não fosse a Thaynara comunicadora das plataformas, das redes sociais, eu seria a Thaynara Oliveira Gomes defensora pública. Assim, minha carreira mudou de rumo. Eu não segui no direito, mas a vocação veio junto e daí surgiu o projeto com três pilares: a frente social, a cultural e a de fomento do turismo. Foi tudo genuíno, mas a gente também teve uma madrinha, Preta Gil, a quem sou eternamente grata. Ela foi a primeira pessoa com quem conversei sobre a ideia do São João da Thay. Na época, era uma ideia pequena. Pensei em fazer um jantar em qualquer local. Alugar um lugar, fazer um jantar com

umas apresentações dos grupos da cultura popular maranhense e arrecadar [dinheiro] para alguma instituição de São Luís. E ela falou: “Thay, por que que tu não chama gente para cantar? Por que que tu não faz aberto ao público com venda de ingresso?”. Eu: “Tu acha que o pessoal vai querer vir?” e ela disse que tinha certeza. “Eu venho te ajudar”. Essa conversa foi em 2016. Aí, em 2017, a gente lançou o São João da Thay nesse formato, como grande espetáculo com artistas maranhenses, artistas com projeção nacional, levando um grupo grande para conhecer os Lençóis Maranhenses. Na primeira edição, a gente ajudou a instituição Antônio Bruno, depois a Apae de São Luís, Unicef, Criança Esperança. Esse ano vamos direcionar para a Gerando Falcões. Nas primeiras edições, Preta Gil sempre esteve presente. Depois, quando começou o tratamento contra o câncer, acompanhou de longe.

O São João da Thay chega agora à oitava edição. O que mudou na sua cabeça do início para hoje?

Hoje, o São João da Thay se posiciona no calendário nacional de eventos. Não se trata mais de um evento local. A gente consegue movimentar o Brasil inteiro. A gente impacta na rede hoteleira, na economia criativa, no artesanato local, no salão de beleza, no Uber, tudo isso traz impacto para nossa cidade. Entender a grandiosidade disso me fez ter a coragem para dar passos maiores.

Neste ano, o evento vai ser em Imperatriz. O que te motivou a mudar de região?

O Maranhão é um estado enorme. Tem 217 municípios. Desde a terceira edição, em 2019, quis trabalhar um formato em que a gente mudava o passeio para os convidados, mostrando outros destinos turísticos. Como o nosso evento sempre foi em São Luís, era inviável dentro da nossa programação de cinco dias levar os convidados para a Chapada das Mesas, que fica na parte do sul do Maranhão. Naquela época, a malha era mais difícil. Não tinha como comportar o evento dentro dessa estrutura, com esse número de convidados em cinco dias de programação. Do ano passado para cá, tive abertura para levar o evento para Imperatriz. Agora sim: Imperatriz é a cidade portal de entrada para a Chapada das Mesas. A gente consegue mostrar as belezas do sul do Maranhão. O principal é levantar levantar a bandeira da pluralidade do Maranhão. O Nordeste é muito plural. E o Maranhão é tão grande que a forma como a gente celebra o São João em São Luís é diferente da forma como se celebra o São João de Imperatriz. Por exemplo, em São Luís, a gente sempre destacou muito a cultura do Bumba Meu boi. Já em Imperatriz o grande destaque são para as quadrilhas. Então, até nisso é interessante mostrar como o Maranhão é diverso e rico. Imperatriz está cercada por 91 municípios, muitos municípios do Pará, do Tocantins. Isso traz um público novo para a gente. Acho que essa cara nova é muito importante para todo o projeto.

O que leva em consideração nessa expansão que você está fazendo?

Nunca quis chegar com o exato modelo do que a gente fazia nas edições passadas. A gente tem de entrar nesse novo lugar, nessa nova praça, entendendo como eles celebram e como é a cultura de lá. Para mim, esse foi o maior desafio. Tanto é que no lineup desse ano a gente está levando três atrações nacionais inéditas para Imperatriz. O pessoal gosta muito da Ana Castela, do Gustavo Mioto, do Péricles. Os três estão cantando pela primeira vez em Imperatriz. Estamos levando também cantores de Imperatriz e as quadrilhas



de Imperatriz, Sailândia e Carolina. Acho que ter esse cuidado é entrar da forma certa num lugar novo. Você não pode impor um jeito.

O São João da Thay tem três frentes muito claras, o social, o turismo e o cultural. Como equilibra as três sem perder a essência do evento?

Elas estão muito conectadas. Quando a gente trabalha a cultura, de alguma forma, divulga também o turismo. Quando a gente começou a mostrar o São João do Maranhão, que é diferente do São João do Nordeste, pois tem Bumba Meu Boi, Tambor de Crioula, Cacuriá, a gente movimentou o turismo, traz gente para conhecer essa cultura. E, quando a gente movimentou o turismo, traz impacto social. A gente arrecada doações no evento para as instituições que atuam no Maranhão. Então, vejo os muito entrelaçados. Não são objetivos distantes.

Qual foi a decisão mais difícil que você já teve de tomar em relação ao evento?

Em 2024, foi um momento muito marcante. Foi a primeira vez que a gente fez um evento de dois dias. Tinha muitas dúvidas em relação a isso, por custo, planilha. Ao mesmo tempo, a gente tem muitas atrações maravilhosas que não cabem um dia. Mas a gente deu esse passo no momento certo. Também no ano passado a gente deu um passo novo que foi transformar o São João da Thay em um evento

gratuito. Sempre quis fazer isso, mas de forma equilibrada. O evento é muito caro. Toda mudança dá um frio na barriga. Eu acho que é a mesma coisa mudando de cidade. Será que as pessoas vão entender a nova cara do São João da Thay? Mas acho importante você se adaptar a mudanças e sair da zona de conforto.

O que o público pode esperar da edição deste ano que vai surpreender quem já foi nos outros anos?

Primeiro, a estrutura do palco está linda. O São João da Thay não é um show como qualquer outro. É um espetáculo com uma direção artística que passa uma mensagem. É um espetáculo que tem início, meio e fim. Por exemplo, é num São João da Thay que você vê uma Ivete Sangalo cantando uma toada de Bumba Meu Boi com todo mundo na plateia fazendo o som da matraca com as mãos. É no São João da Thay que você vê pela primeira vez o encontro do Boi de Parintins com o nosso Bumba Meu Boi. O Boi Bumbá veio do nosso Bumba Meu Boi. Isso nunca tinha acontecido antes. É no São João da Thay que você vê um Pedro Sampaio fazendo uma faixa especial para homenagear um grupo de cacuriá e todos entram no palco dançando, celebrando. É no São João da Thay que você vê o Cristian Chaves do RBD com uma roupa toda em homenagem ao Bumba, dançando Meu Boi. Essas surpresas são as que emocionam. **E**

Meio século de profissionalismo e independência

Aos completar **50 anos**, **IstoÉ** reafirma o pacto de sua primeira edição: explicar o Brasil e o mundo e traduzir “o momento que vivemos”

Em maio de 1976, com a ditadura militar vigente, chegava às bancas uma nova publicação, com uma capa de tema ousado: “A tentação totalitária”, um ensaio do filósofo e jornalista francês Jean-François Revel, um ex-socialista que criticava o socialismo. Também havia chamadas para a atriz Sylvia Bandeira (Falkenburg, na época), o apresentador e empresário Silvio Santos, o escritor, desenhista e humorista Millôr Fernandes e para uma reportagem sobre defesa do consumidor. Nascia desse modo, com apreço à “verdade factual” e “certa graça” no estilo, a revista IstoÉ, como ressaltado na carta do leitor que inaugurou a edição, assinada pelo jornalista Mino Carta, primeiro diretor de redação e um dos nomes mais influentes da imprensa brasileira, morto em setembro do ano passado.

Ao completar cinco décadas em 2026, IstoÉ não apenas celebra sua longevidade, mas confirma sua essência: acompanhar, reportar e analisar os acontecimentos mais marcantes da história do Brasil. Sobretudo em um tempo em que cresce a desinformação, multiplicada e compartilhada pelas vias digitais. Desde sua primeira edição, a marca IstoÉ se posiciona como uma sentinela da democracia, mantendo seu propósito firme desde o período

Primeira edição, em maio de 1976, com um ensaio político exclusivo

em que surgiu, sob as sombras do autoritarismo, sem esquecer das crises econômicas que afligiram o país ao longo deste meio século.

No Brasil do regime militar, a revista, que nasceu mensal e depois virou semanal, clamava pelo retorno ao Estado de Direito. As primeiras reuniões de pauta – quando os jornalistas discutem as reportagens da edição – mais se pareciam a comícios pela liberdade. No cenário político, figuras como o futuro presidente Fernando Henrique Cardoso debatiam os rumos da nação. Foi nesse espírito que a revista revelou ao país, em 1978, um irrequieto líder metalúrgico do ABC: Luiz Inácio Lula da Silva. Foi a primeira vez que ele estampou uma capa de alcance nacional, um marco que ajudaria a cristalizar o debate democrático brasileiro.

O jornalismo independente da publicação foi determinante para o afastamento de dois presidentes envolvidos

em episódios nebulosos. Em julho de 1992, a histórica entrevista exclusiva com o motorista Eriberto França revelou as conexões financeiras entre o empresário PC Farias (que faleceu em junho de 1996) e a família de Fernando Collor. O impacto foi imediato: as revelações sustentaram a CPI que levaria à queda do presidente. Vinte e quatro anos depois, a reportagem “Delcídio Conta Tudo” expôs o teor explosivo da delação do senador Delcídio do Amaral, o que tornou o impeachment de Dilma Rousseff um processo irreversível.

Nestes 50 anos, IstoÉ escancarou fraudes que maculavam a imagem das instituições. Foi pioneira ao denunciar o escândalo da “Pasta Rosa”, em 1995, com documentos de caixa 2 em campanhas eleitorais. E revelou, em primeira mão, a fraude no painel eletrônico do Senado, que resultou na renúncia de poderosos como Antônio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda.



Uma carta histórica

Confira o teor do texto de Mino Carta que apresentou IstoÉ ao leitor na edição número 1

“E volto a escrever uma carta ao leitor, embora, em jornalismo tudo devesse ter estilo epistolar, como propunha um redator-chefe do New York Times aos jovens recém-chegados à profissão: 'Não tenham medo, façam do leitor um amigo, escrevam-lhe uma carta'. Pois então, meus amigos, aqui está uma nova revista mensal. IstoÉ, expressão afirmativa e, ao mesmo tempo, equivalente de 'ou seja', 'isto é', 'espera aí', que a gente explica, troca em miúdos, esclarece.

Não é que os redatores (jornalistas que me acompanham nas minhas andanças profissionais há muito tempo), os colaboradores (alguns entre os melhores espíritos do país) e eu sejamos donos da verdade. Mas, acredito, nos esforçamos para ficar perto dela e, quando a alcançamos, a cultivamos com desvelo, como flor rara. Neste nosso tempo dado a introspecções, tende-se a achar que as verdades apinham as cabeças e as almas, cada ser carrega Himalaias de verdades — o que, talvez, seja verdade. Mas eu me refiro à verdade factual, e esta, é bom dizê-lo, é uma somente, e o seu contrário é a mentira.

Diferem as maneiras de se chegar à verdade. Por isso, IstoÉ não pretende manter, de fio a pavio, uma impecável e ditatorial unidade de estilo e pensamento embora ninguém, entre nós, dispense certa dose de graça, para o bem dos leitores e de nós mesmos, que gostamos de trabalhar sorrindo. Os nossos artigos são assinados, cada um escreve com franqueza e com as suas próprias palavras, sendo que uma harmoniosa desunião, serviria como prova, entre outras, de amor pela tolerância, pelo diálogo, pela democracia.

IstoÉ também não pretende postar-se na linha de fogo dos fatos para cobri-los em cima, como se diz na linguagem das redações. Ela prefere que os fatos decantem para extrair-lhes os significados de perspectiva mais ampla. E não se dispõe a traçar quadros completos, mas a oferecer uma visão parcial, porém profunda, do momento que vivemos, como cidadãos brasileiros e habitantes do mundo. Uma visão vívida, às vezes inquietante, ou polêmica, ou irônica, ou simplesmente serena — mas sempre e sempre a favor dos destinatários desta carta. Que assino, respeitosamente.

M. C. ”



Momentos emblemáticos: o metalúrgico Lula pela primeira vez em uma capa de alcance nacional e o motorista Eriberto que revelou conexões entre PC Farias e Fernando Collor

A revista nunca se furtou a investigar os bastidores da economia. Em 1993, a denúncia das relações obscuras entre o então ministro Elizeu Rezende e empreiteiras levou à sua queda, abrindo espaço para a ascensão de Fernando Henrique Cardoso ao ministério da Fazenda e o consequente lançamento do Plano Real.

Inovação e o olhar para o comportamento

A vocação da IstoÉ sempre foi além da política. Inovadora, a revista foi a primeira semanal de informação a dedicar amplos espaços para cultura, ciência e comportamento, transformando o mercado editorial brasileiro. Deu origem a novas publicações, como a IstoÉ Dinheiro, e novas plataformas como o site que reúne hoje títulos tão diversos quanto Menu, dedicado à gastronomia, e Motorshow, voltada aos apaixonados por automóveis e automobilismo.

Tamanha tradição de diversificar o olhar consolidou-se na última década no ambiente digital com a criação de sites e verticais temáticas de alta relevância, como IstoÉ Mulher, espaço dedicado ao protagonismo feminino, direitos e carreiras; IstoÉ Saúde, focada em bem-estar, avanços da medicina e políticas sanitárias; e IstoÉ Sustentável, voltada para a agenda ESG, mudanças climáticas e economia verde. Esses novos canais permitem um aprofundamento técnico e uma conexão direta com públicos engajados em temas que definem a sociedade do século 21.

Se o passado da IstoÉ está conectado à coragem impressa, o futuro é definido pela onipresença digital. A marca é hub de conteúdo, em que a análise da semanal digital — lançada pela IstoÉ Publicações no segundo semestre de 2025 — convive com a agilidade das redes. A força do título é medida em milhões de interações diárias, dialogando com leitores e linguagens diversos.

No Facebook e no LinkedIn, a marca IstoÉ mantém uma comunidade com interesse no debate político e social. O Instagram e o TikTok tornaram-se vitrines para o fotojornalismo e para vídeos curtos que traduzem a complexidade do cenário nacional e global para o público conectado. No X, a IstoÉ é fonte primária de notícias em tempo real, enquanto o canal no YouTube expande o debate por meio de entrevistas exclusivas e análises jornalísticas.

Novos desafios, mesmo DNA

Aos 50 anos, a IstoÉ reafirma seu compromisso de buscar a verdade, independentemente de quem esteja no poder. A transição para o ambiente digital não alterou o DNA investigativo, mas deu a ele uma escala sem precedentes. O desafio para as próximas décadas é manter a sintonia com uma sociedade em constante transformação. Se o meio século que passou foi marcado pelo registro das grandes transformações do país, IstoÉ promete continuar provocando, antecipando e participando da evolução da sociedade. **E**



Messias: “Toda sorte de mentira para me desconstruir ocorreu. Nós sabemos quem promoveu tudo isso”

A rejeição de Messias

Senado reprova nome de AGU para uma cadeira no STF, impõe derrota histórica a Lula e abre crise com o Palácio do Planalto

João Vitor Revedilho

Momentos antes da abertura do painel, uma voz em tom de cochicho ecoou no plenário do Senado e na transmissão oficial, prevendo o resultado da votação que acabaria por decretar a rejeição ao nome de Jorge Messias, indicado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), para ocupar uma cadeira no Supremo Tribunal Federal (STF). O ministro da Advocacia-Geral da União (AGU) tinha passado por uma extensa sabatina na quarta-feira, 29, e aguardava pelo resultado dos senadores. “Acho que vai perder por oito”, disse o dono da voz.

Logo depois, confirmou-se o palpite sussurrado. Foram oito votos de diferença. A voz era do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), um dos principais responsáveis pela imposição de uma derrota históri-

ca ao Palácio do Planalto. A proclamação do resultado veio em meio a gritos, comemorações e a sirene que tocava no plenário: foram 42 votos contrários e 34 favoráveis ao nome de Messias.

Enquanto a oposição festejava, os governistas entravam em ritmo de velório. No plenário, Renan Calheiro (MDB-AL) olhava atônito para o placar. Petistas estavam incrédulos com a traição de parte da base. Em uma sala no Senado, Messias, desolado, abraçava a esposa. Horas depois do alívio pela aprovação de seu nome na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Casa, por 16 a 11, veio a maior derrota da carreira, arquitetada antes mesmo do resultado no plenário.

“Passei por cinco meses de um processo de desconstrução da minha imagem. Toda sorte de mentira para

me desconstruir ocorreu. Nós sabemos quem promoveu tudo isso. Agora, quero dizer para vocês, de coração leve, com a franqueza da minha alma, sou grato a Deus por ter passado por esse processo e sou grato pela confiança que o presidente Lula depositou em mim”, disse Messias após a derrota, sem citar Alcolumbre.

A derrocada, de fato, já estava estruturada havia meses. O nome do ministro da AGU sofria resistências desde antes de Lula realmente indicar o nome de Messias. Quando foi oficializado, ele passou a sofrer uma fritura interna, abalando a relação entre o Planalto e Alcolumbre. O ponto final desse “casamento” foi sacramentado na votação em plenário.

O presidente do Senado fazia uma campanha interna contra o indicado de Lula, enviando notas e articulando o avanço da sabatina para derrotá-lo logo de cara. A estratégia era pressionar o petista a escolher o senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG) para o cargo. Pacheco, todavia, é a aposta de Lula para a disputa do governo de Minas de Gerais, contrariando a vontade do próprio senador, que já pavimentava a sua aposentadoria política. Ao perceber a articulação, o Palácio do Planalto fez questão de atrasar o envio da mensagem com a indicação, o que aconteceu ape-



Alcolumbre articulou votos para a derrota do governo; sua voz ecoou pelo plenário antecipando a diferença

LULIA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

O que acontece agora?

Com a rejeição do nome de Jorge Messias para o STF, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva não perde a prerrogativa da indicação. O mandatário poderá escolher outro nome ou até mesmo enviar novamente a escolha do ministro-chefe da Advocacia-Geral da União (AGU) ao Senado.

Em qualquer cenário, a escolha terá de passar novamente pelo processo de sabatina, votação na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) — onde Messias foi aprovado — e no plenário da Casa.

Não há um prazo estabelecido para essa definição. Vale lembrar que o advogado-geral da União foi escolhido por Lula para ocupar a vaga de Luís Roberto Barroso, que se aposentou da corte em 18 de outubro de 2025.

Nos mais de seis meses de intervalo, o STF permaneceu com dez ministros e o governo trabalhou para diminuir as resistências a Messias no Senado, esforço que se revelou insuficiente. A escolha, agora, depende também de um novo processo de articulação para evitar mais uma derrota da gestão petista em ano eleitoral.

nas no dia 1º de abril. Foi nessa data que o governo viu sua força começar a ruir.

Alcolumbre indicou o nome do senador Weverton Rocha (PDT-MA), um governista de primeira ordem, para relatar o processo. Rocha, junto do presidente da CCJ, Otto Alencar (PSD-BA), pressionavam para avançar com a tramitação. Em contrapartida, o governo precisaria segurar a barra da votação do veto do PL da Dosimetria, que reduzia as penas do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e dos demais condenados pelos ataques de 8 de janeiro de 2023. O governo aceitou calado, mas apostava que a derrubada da dosimetria garantiria a aprovação do AGU.

A própria chegada da sabatina na quarta-feira, 29, já dava um prenúncio do que viria. Alguns parlamentares relataram certa frieza nos bastidores na oitiva. Messias até tentou enviar sinalizações para os senadores mais conservadores ao criticar o aborto e as decisões monocráticas. Outro ponto que deu créditos ao AGU foi a defesa ao “aperfeiçoamento do judiciário” em meio ao debate sobre a criação de um código de ética da Suprema Corte. Com isso, Messias conseguiu emplacar os 16 votos favoráveis a sua indicação na comissão. A vitória deu um alívio momentâneo, que mudou horas depois.

Após a votação na CCJ, Alcolumbre se recusou a receber Messias em seu gabinete. O presidente do Senado começava a contar os votos dentro do plenário para enviar um recado ao go-

verno. Ele ainda acreditava que uma derrota faria Lula recuar e indicar Pacheco para o cargo.

No plenário, o clima saiu de esperança pela aprovação ao misto de comemoração e velório. Líder do governo no Congresso, o senador Randolfe Rodrigues (PT-AP) tentou minimizar o resultado ao dizer que o governo já teve vitórias e derrotas importantes nos três anos de mandato petista, mas evitou culpar Alcolumbre. “Não posso atribuir qualquer resultado à posição e à postura do presidente do Congresso”, afirmou.

O sentimento era o oposto no Planalto. A revolta imperava e havia uma “declaração de guerra” à vista. Interlocutores de Lula contaram que o presidente ficou extremamente irritado com o resultado. O petista não escondeu que culpa Alcolumbre pela derrota histórica. Parlamentares governistas acreditam que o Planalto deve responder à altura a decisão do Senado.

Passado o primeiro momento, líderes do PT começaram a mapear as possíveis traições dentro da base. Inicialmente, o MDB é o principal suspeito de ter colaborado para o resultado. Aliados não descartam a participação de outras legendas, como o PSD. Os cálculos são apenas o início da resposta. O Planalto quer usar a lista para fazer uma limpa nos cargos indicados pelos partidos. Nomes do próprio presidente do Senado e seus aliados também devem entrar na mira.

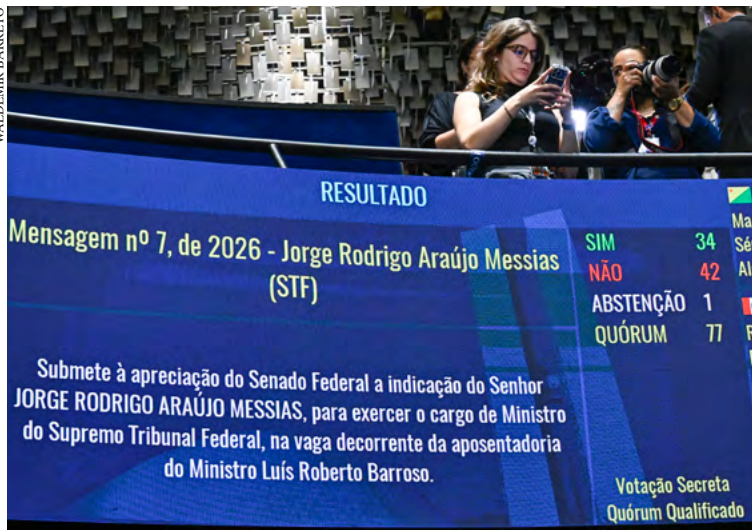
Diante da derrota humilhante, o Planalto agora se volta para a necessidade da escolha de outro nome. Apesar disso, aliados de Lula querem recorrer ao STF para manter o nome de Messias no páreo. A ideia é capitaneada pelo advogado Marco Aurélio de Carvalho, presidente do grupo Prerrogativas, que quer unir juristas para emplacar um pedido de revisão na Suprema Corte. A banca pretende acusar Alcolumbre por desvio de finalidade na votação e usar o áudio vazado, citado no começo desta reportagem, para sustentar o pedido.

Recepção no Alvorada

Após a derrota, Jorge Messias seguiu direto para o Palácio do Alvorada. Lá, foi recebido por Lula e pelo ministro da articulação política, José Guimarães. O líder do governo no Senado, Jaques Wagner, também participou do encontro.



TON MOLINA



A proclamação do resultado veio em meio a gritos e comemorações: 42 votos contrários e 34 favoráveis ao indicado de Lula

A reunião serviu para lamentar a derrota e já começar a apurar as consequências da votação no plenário do Senado. Segundo um interlocutor palaciano, Messias chegou a colocar em xeque a sua permanência no governo, mas decidiu se manter à frente da AGU momentaneamente.

Mais de um século atrás

A derrota da quarta-feira é a maior já sofrida pelos três governos de Lula. Além disso, essa é a primeira vez que

uma indicação ao STF é barrada pelo Senado em 132 anos. A última vez que isso aconteceu foi em 1894, quando cinco nomes indicados pelo presidente Floriano Peixoto, conhecido como o “Marechal de Ferro”, foram barrados pela Casa.

Naquele tempo, a Constituição previa a obrigatoriedade do “notório saber” sem especificar o “jurídico” no texto. Peixoto, então, aproveitou para indicar seus principais aliados ao cargo. Um deles foi o médico Cândido

Barata Ribeiro, que atuou na Suprema Corte durante dez meses. Ele foi nomeado em 1893 e chegou a assumir o posto antes mesmo da análise do Senado. Outros nomes também foram indicados, como os generais Ewerton Quadros e Inocêncio Galvão de Queiroz, o subprocurador da República Antônio Sève Navarro e o diretor-geral dos Correios à época, Demóstenes da Silveira Lobo. Todos eles foram barrados pelo parlamento, que exigiu rigor técnico nas indicações. **E**

PL da Dosimetria impõe mais um baque para o governo

Ainda na ressaca da derrota na indicação do ministro-chefe da Advocacia-Geral da União (AGU), Jorge Messias, ao Supremo Tribunal Federal (STF), o governo federal sofreu mais um baque no dia seguinte, dessa vez mais esperado. O Congresso Nacional derrubou na quinta-feira, 30, o veto do PL da Dosimetria, projeto que reduz as penas dos condenados pelos ataques de 8 de janeiro de 2023. Foram com 144 votos a favor e 318 contra dos deputados federais; e 24 a favor e 49 contra dos senadores.

A derrubada já estava prevista desde que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tinha vetado a proposta em janeiro deste ano. O petista chegou a fazer um evento para

celebrar a democracia, com desfalques dos presidentes da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), e do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP).

Bolsonaristas já articulavam a derrubada do veto com o Centrão, que deu o aval para a aprovação da proposta em 2025, há meses. Eles chegaram a cobrar Alcolumbre para pautar a votação do veto PL, o que aconteceu só no começo de abril, após o presidente do Congresso Nacional marcar a sabatina de Messias.

Logo na manhã de quinta-feira, o Centrão já cravava a derrota do governo. O enfraquecimento evidenciado na votação do dia anterior colocava o Planalto na linha de

tiro para a análise do veto. Outro fato que derrotou o governo foi o apoio ao relator do projeto, o deputado federal Paulinho da Força (Solidariedade-SP), que costurou um acordo que pudesse agradar gregos e troianos no texto.

Aprovado em dezembro do ano passado, o PL da Dosimetria reduz a pena dos condenados do 8 de janeiro, além de alterar os cálculos para a progressão de regime. Um dos beneficiados é o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), condenado a 27 anos e três meses de prisão por suspeita de liderar o plano golpista. De acordo com o texto, ele poderá passar para o regime semiaberto em até dois anos.



A Agrishow foi a primeira agenda pública de Flávio e Tarcísio juntos na pré-campanha do senador

A direita larga com o agro

Pré-candidatos à presidência, Flávio Bolsonaro, Romeu Zema e Ronaldo Caiado usam Agrishow para alavancar campanhas

João Vitor Revedilho, de Ribeirão Preto

Sob o sol de 38°C de Ribeirão Preto (SP), a cerca de 300km de São Paulo, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), pré-candidato à presidência da República, e o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), chegaram à Agrishow, maior feira do agronegócio da América Latina. Logo ao descerem do carro, ambos foram abordados por uma multidão de apoiadores. Após fotos e tentativas de tocar um berrante, ambos se dirigiram para um pavilhão para dar o pontapé oficial em suas pré-campanhas eleitorais. O mesmo fizeram Ronaldo Caiado (PSD) e Romeu Zema (Novo), em busca do apoio dos setores ligados ao agro.

A estratégia é conquistar uma parcela relevante do eleitorado brasileiro. Dados da Confederação da Agricultura

e Pecuária do Brasil (CNA) mostram que 35 milhões de pessoas dependem dos setores do agronegócio no país. Isso representa cerca de 22% dos eleitores. Para isso, os pré-candidatos aproveitaram a feira para fortalecer suas conexões com esse público, posando para fotos e comendo petiscos, mas não chegaram a apresentar propostas concretas para o setor durante seus pronunciamentos.

Na segunda-feira, 27, logo após a abertura oficial da feira, Tarcísio e Flávio apareceram para a primeira agenda pública juntos na pré-campanha eleitoral. Nos bastidores, o governador paulista resistia em fazer uma campanha antecipada para o filho “01” do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Mas aliados do senador cobravam de Tarcísio

uma adesão mais forte na campanha presidencial, na busca da consolidação do nome de Flávio no estado de São Paulo.

Em dado momento, Flávio e Tarcísio se separaram entre os apoiadores. Enquanto o chefe do Palácio dos Bandeirantes estava em um estande, o senador estava pelo lado de fora com outros apoiadores. A mensagem passada para jornalistas e políticos que estavam no local era de distanciamento, mas a tese foi rechaçada por interlocutores do Palácio dos Bandeirantes. Eles reforçaram que o governador deve aderir à campanha de Flávio, mas no momento certo.

Apesar disso, Tarcísio enviou mensagem durante sua fala de abertura, que percorreu sobre as atividades do estado na Agrishow. Ele exaltou Flávio e disse



Zema foi à feira em busca do eleitor do agro, mas focou críticas no STF

RUBENS OKAMOTO/ABIMAQ

Foco no STF

Outro pré-candidato que foi à Ribeirão Preto na terça-feira, 28, em busca do eleitor do agro, foi Zema. Mas o foco do ex-governador de Minas Gerais ficou longe do setor. Com uma camiseta em que se lia “Chega de Intocáveis”, Zema dirigiu ataques aos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), com foco maior em Gilmar Mendes. Aos jornalistas, o mineiro rebateu as ironias do ministro sobre seu sotaque e disse que a Corte está com “rabo preso”. “Eu acho que nós precisamos ter também um Supremo sem o rabo preso. Hoje, eles estão lá tentando fazer o quê? Evitar investigações. Precisamos mudar essa visão desses intocáveis; fica muito claro esse distanciamento deles”, declarou.

Zema desconversou sobre a escolha do vice em sua chapa. De acordo com ele, a decisão ficará a cargo do presidente nacional do partido. “Está muito prematuro. Isso vai ser decidido mais adiante. No Novo, temos a separação, eu como mandatário, candidato, fico um pouco mais distante, então vamos perguntar isso ao Eduardo Ribeiro”, afirmou.

O ex-governador seguiu uma estratégia diferente dos demais presidentes. Ele visitou apenas o estande da organização da feira e seguiu para encontrar Tarcísio, que também estava no evento para anunciar investimentos para o segmento. Os dois trocaram rápida conversa e o político mineiro deixou o local.

Os pré-candidatos à presidência Aldo Rebelo (Democracia Cristã) e Augusto Cury (Avante) também estiveram presentes na Agrishow. Aos jornalistas, o primeiro criticou a interferência de instituições em obras estruturantes e disse que o STF está travando o país. “O Brasil não é pobre; o Brasil é um país interdado institucionalmente. O problema é que esse investimento torna-se inviável porque o Brasil está bloqueado pelas corporações, pelo Supremo Tribunal Federal, que pode parar uma ferrovia há seis anos e não acontece nada”, afirmou.

Ele participou junto com Caiado e Cury do evento ligado a mulheres do agronegócio. Além de Aldo, Cury falou no evento, mas focou em frases motivacionais já usadas em suas palestras. **E**

que o senador “será o próximo presidente”. “Você está indo no caminho certo e vai contar com o exército. Esse exército está aqui, ó. Esse exército é seu. Esse exército vai fazer a diferença”, exaltou em sua fala. Aos jornalistas, Tarcísio negou a resistência da campanha antecipada e garantiu que novas agendas ao lado de Flávio estão confirmadas neste mês de maio. “Vamos ter uma série de agendas em conjunto. A gente vai ter um monte de eventos para mostrar que o Brasil tem jeito e tem um grande projeto; e esse projeto é com o Flávio Bolsonaro”, afirmou.

Flávio Bolsonaro usou seu tempo para atacar o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e se colocar como o nome que irá valorizar o agronegócio, caso seja eleito. O senador disse que o governo trata o agro como “lixo”. “Primeiro que tem de tratar o agro com respeito. Não pode o governo federal asfixiar o agro, tratar o agro como se fosse vilão; o agro é a solução. É dar visibilidade para o Plano Safra, reposicionar as linhas de crédito, que acabaram, a juros completamente absurdos. Em alguns casos, os produtores rurais estão tomando juros a 25% ao ano. Isso é impagável”, declarou. “Podem ter a convicção de que, a partir de 2027,

o agro vai ser ainda mais valorizado. Vocês não vão ter um governo perseguindo vocês, pelo contrário. Vão ter um governo dando a mão para vocês”, concluiu.

O discurso adotado por Flávio não difere do proferido por Ronaldo Caiado, pré-candidato pelo PSD. Ele chegou à Ribeirão Preto na terça-feira, 28, à noite, indo à feira no dia seguinte. Aos jornalistas, ele também mandou recados e, sem citar os adversários, afirmou ser um membro do “agro raiz” e que outros são apenas “sabor agro”. “Eu posso dizer a você que eu sou um agro raiz. Eu não sou uma geração que tem sabor de agro, mas não é agro raiz, entendeu? Alguns que se propõem a entender do agro em períodos de campanhas eleitorais são aqueles que eu denomino sabor agro”, comentou o ex-governador de Goiás.

Após participar de um evento com mulheres do agronegócio, Caiado seguiu o mesmo roteiro de Flávio. Mas, ao contrário de Flávio que transitou à pé, o ex-governador de Goiás circulou pela feira em um carrinho. O peesdista também tirou fotos com apoiadores, ganhou presentes e chegou a fazer críticas à atenção dada ao setor do agro pelo governo Lula.



MAGNIFIC

Programa atende brasileiros inadimplentes: número de devedores já chega a 81,7 milhões

Em busca da recuperação

Diante da queda na avaliação do governo e derrotas para o Congresso, Desenrola 2.0 ganha papel central na estratégia de Lula

Luma Venâncio

Reprovação por mais da metade do eleitorado (52,5%), de acordo com pesquisa Atlas/Bloomberg publicada na terça-feira, 28, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deve lançar na segunda-feira, 4, o programa “Desenrola 2.0”, que pro-

porcionará descontos e negociação de dívidas para brasileiros inadimplentes. O projeto é uma versão mais equipada do “Desenrola Brasil” e procura melhorar a imagem do petista na corrida eleitoral. Atualmente, o número de devedores no país já chega a 81,7 milhões,

segundo informações do Serasa divulgadas em março.

O endividamento é apontado como um dos principais catalisadores da rejeição de Lula, pois faz com que a população não tenha percepção dos bons indicadores econômicos. A articulação do programa coube ao ministro da Fazenda, Dario Durigan, que estabeleceu o tema como uma de suas missões quando assumiu o cargo, após Fernando Haddad renunciar à pasta para concorrer ao governo de São Paulo.

O Desenrola 2.0 é um programa de renegociação de dívidas que promete disponibilizar descontos entre 20% e 90%. O principal gancho é a disponibilização do uso do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) para quitar as inadimplências. A iniciativa mira em contas com juros altos – como as de cartão de crédito, cheques especiais e crédito pessoal – a fim de reduzir “as dívidas que mais impactam os brasileiros hoje”, segundo Durigan. Dessa forma, a fase inicial do programa contemplará famílias, enquanto as próximas etapas terão, como grupo focal, negócios informais e pequenas empresas.

A mecânica do novo Desenrola não envolve aportes do Tesouro Nacional, mas funciona por “garantias públicas” oferecidas às instituições financeiras. Isso significa que as próprias entidades credoras concedem descontos intensos para seus endividados, uma vez que o governo federal assume o risco de pagar a conta em caso de descumprimento do acordo.

“O que a gente vai fazer é mobilizar a garantia de modo que os próprios bancos consigam dar um desconto e depois refinanciem com juros mais baratos uma dívida diminuída. Então, com garantias do Tesouro no caso de inadimplemento”, esclareceu Durigan durante evento do FMI (Fundo Monetário Internacional) e do Banco Mundial, em Washington.

A advogada tributarista e presidente do Centro Nacional para a Prevenção e Resolução de Conflitos Tributários (Cenapret), Mary Elbe Queiroz, explicou à reportagem que o modelo gera um risco em potencial pois “o preço fiscal existe, ainda que não integralmente explícito no momento inicial”. De acordo com ela, o custo se materia-



Luiz Marinho conta que o Desenrola 2.0 terá travas para impedir que os recursos sejam utilizados em apostas

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

liza ao longo do tempo, conforme eventuais inadimplências sejam absorvidas pelos mecanismos de garantia. A especialista destaca ainda a possibilidade de impacto na arrecadação, na medida em que as condições facilitadas podem ressecar parte da soma de impostos ou “postergar fluxos financeiros”.

Uso do FGTS

De acordo com o que já se sabe do programa, os inadimplentes poderão usar até 20% do valor do FGTS para quitar as dívidas. O fundo serve, originalmente, para garantir segurança financeira ao trabalhador em casos de demissão; sendo assim, o uso antecipado dessa poupança cria risco de instabilidade econômica futura, gerando o que Mary Elbe chama de “efeito reboque”. “O uso do FGTS melhora a posição financeira imediata do trabalhador, reduzindo passivos e restabelecendo capacidade de crédito. O problema é que o FGTS não é um recurso de liquidez comum, mas uma reserva de proteção social. Ao direcioná-lo para quitação de dívidas, o trabalhador troca uma garantia futura por um alívio presente”.

Questionado sobre a possibilidade, o ministro da Fazenda rechaçou as críticas e sustentou que os contemplados “não estão se endividando com o FGTS”, mas sim “usando o recurso para quitar uma dívida”.

O ministro do Trabalho e Emprego, Luiz Marinho, disse na quarta-feira,

29, após evento de divulgação dos dados de março do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), que famílias endividadas com renda de até cinco salários mínimos poderão usar parcialmente recursos do fundo de garantia para quitar até 20% dos débitos. Haverá ainda alguma medida para que os recursos não sejam utilizados em apostas. “Quem aderir a esse alívio na dívida terá de abrir mão no período, não fazer absolutamente nenhum dos famosos joguinhos”, destacou.

Marinho acrescentou que o governo planeja um segundo pacote de liberação de valores do fundo para renovação de frotas de caminhoneiros, taxistas e motoristas de ônibus. “Recursos para investir no seu bem”, comentou. “Como já houve outros momentos aqui, será crédito da natureza de investimento com juros e colocado em condições”, acrescentou.

Alcance maior

A primeira versão do programa Desenrola Brasil foi lançada pelo governo Lula em 2023 e extinguiu dívidas bancárias de até R\$100. À época, o governo também ofereceu incentivos regulatórios para que os bancos negociassem descontos, mas o pagamento era direto com a instituição financeira.

Segundo a presidente do Cenapret, a principal diferença está “na calibragem e no foco do programa”, já que “o Desenrola original teve caráter mais

emergencial, voltado à redução imediata da inadimplência e à reativação do consumo, com forte concentração em dívidas de menor valor e público de baixa renda”.

O Desenrola 2.0, por sua vez, tende a ampliar o escopo “tanto em termos de público quanto de instrumentos”. Há tentativa de aprofundar o alcance do programa, com maior integração ao sistema financeiro, novas fontes de financiamento e uso mais estruturado de garantias. “Também se observa um refinamento nos critérios de elegibilidade e nas condições de renegociação, buscando maior eficiência na recuperação de crédito. Ainda assim, a essência permanece a mesma: trata-se de um mecanismo de reorganização de passivos”, explica.

Programa como bandeira eleitoral

Segundo o cientista político Otávio Catelano, da Unicamp, o Desenrola 2.0 busca remediar a avaliação da equipe de comunicação do governo, que vê a imagem de Lula perder popularidade mesmo em meio a bons índices econômicos. Apesar das taxas de desemprego e inflação seguirem em baixa, “as pessoas não estão tendo uma melhoria da qualidade de vida ou mesmo sentindo um aumento do poder de compra, já que grande parte do orçamento familiar está comprometido com o pagamento de dívidas”, justifica o especialista.

As mais recentes pesquisas de intenção de voto demonstraram Lula tecnicamente empatado com seu principal adversário, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). O principal motivo apontado para justificar a reprovação do petista reside na dimensão financeira. Enquanto as famílias não sentem no próprio bolso, não há percepção geral da melhoria econômica do país.

“Entre outras questões, o governo entende que esse fator de endividamento tem barrado todos os efeitos positivos que eles esperavam com os bons índices econômicos. Assim, o programa só vai ser eficiente para melhorar a imagem de Lula se a iniciativa for eficiente na solução do problema”, afirma Catelano. **E**

Colaborou Matheus Almeida



Para Durigan, o setor preditivo viola a legislação; ele avisa que o governo estuda medidas para apertar as bets

WASHINGTON COSTA

Previsões irregulares

Governo bloqueia plataformas de mercados preditivos, que operam como apostas sobre eventos futuros de forma não autorizada

Tatiana Schnoor

O governo federal decidiu enquadrar e bloquear os chamados mercados preditivos no Brasil, em uma medida que redefine os limites entre investimentos, tecnologia e apostas online. O anúncio foi feito na sexta-feira, 24, com base na resolução nº 5.298 do Conselho Monetário Nacional (CMN), que passou a vedar a oferta e a negociação de contratos derivados de eventos considerados aleatórios.

Na prática, esses mercados funcionam como plataformas em que usuários compram e vendem “palpites” sobre acontecimentos futuros, de eleições e decisões políticas a resultados esportivos e indicadores econômicos. Cada evento é transformado em um contrato com pagamento pré-definido: se o cenário previsto se concretiza, o investi-

dor recebe o valor; caso contrário, perde o montante aplicado.

Foram bloqueadas pela Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) 27 plataformas de mercados preditivos, consideradas irregulares por estarem fora de parâmetros legais, de acordo com o ministro da Fazenda, Dario Durigan. “O mercado preditivo viola a legislação nacional. Existe uma abertura demasiada que viola a lei no Brasil”, disse.

Entre as plataformas bloqueadas está a Kalshi, fintech aberta nos Estados Unidos e fundada pela brasileira Luana Lopes Lara e pelo norte-americano Tarek Mansour (que cresceu no Líbano). A empresa planejava seus passos no Brasil. Por conta dos volumes movimentados por sua empresa, Luana

tornou-se a bilionária mais jovem do mundo a ter construído sua própria fortuna, segundo a Forbes. Sua fortuna está estimada em US\$ 1,3 bilhão (em torno de R\$ 6,5 bilhões).

O que a resolução do CMN fez foi esclarecer os ativos subjacentes que estão sendo oferecidos no mercado de previsão. Com isso, foi adquirida a segurança jurídica para aplicar a determinação revelada na semana passada, informou a ministra da Casa Civil, Miriam Belchior, que esteve no anúncio ao lado de Durigan.

Ao negociar palpites sobre eventos futuros com prêmios predefinidos, as plataformas passam a ser submetidas ao mesmo rigor regulatório e fiscalização. Embora muitas vezes sejam comercializadas como modalidades de

Luana Lopes Lara tinha planos de fazer a Kalshi entrar de vez no país

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



investimento ou acordos entre usuários, elas operam à margem do sistema financeiro. Segundo o Ministério da Fazenda, as plataformas são usadas para contornar a legislação. A medida alinha o Brasil às melhores práticas internacionais, uma vez que diversos países, como França e Itália, já restringiram ou proibiram tais mercados por funcionarem como apostas não autorizadas.

É importante esclarecer as diferenças entre mercado preditivo e apostas online. Ambas trabalham com odds, como se chamam as possibilidades de os eventos acontecerem e quanto vão pagar por acerto. Porém, no setor de previsões, elas não são definidas pela empresa, e sim por oferta e demanda.

As bets focam em entretenimento; não são reguladas como instrumentos financeiros; as probabilidades são definidas pela “casa”, e não pelo mercado;

e o operador pode alterar odds por interesse próprio. No mercado de previsão, as empresas são reguladas como mercados financeiros (nos Estados Unidos pela CFTC, ou Commodity Futures Trading Commission, espécie de CVM no país); o preço surge da oferta e demanda; os contratos funcionam como ativos financeiros; e elas incentivam a revelação de informação verdadeira porque quem erra perde dinheiro. Quem acerta, ganha.

Com relação ao segmento das bets, Durigan afirmou que o governo estuda medidas para “apertar” ainda mais a modalidade de apostas online. “Vamos endurecer a fiscalização e vamos seguir avaliando outras medidas para as bets”, esclareceu. Atualmente, existem 73 operadoras autorizadas a atuar no Brasil. “Mesmo esse universo está sendo analisado”, completou o ministro. **E**

A bilionária brasileira do mercado preditivo

Aos 29 anos, a catarinense Luana Lopes Lara vem ganhando espaço nas manchetes globais como uma jovem bilionária “self-made” que está construindo sua fortuna com o mercado preditivo. Cofundadora da Kalshi, uma startup sediada nos Estados Unidos, ela obteve destaque na revista Forbes no ano passado e neste, em março, quando foi divulgada a lista das mulheres mais ricas. Seu patrimônio está avaliado em US\$ 1,3 bilhão (aproximadamente R\$ 6,5 bilhões).

Formada pelo MIT, a brasileira tinha planos de fazer sua empresa avançar pelo Brasil. Porém, na semana passada a startup entrou na lista de 27 plataformas banidas pelo governo brasileiro por atuação irregular. O bloqueio expõe o controverso modelo de negócio da Kalshi, que mistura a dinâmica de uma bolsa de valores com a de jogos de azar. Agora, os planos de atuação no país foram interrompidos.

Diferentemente das casas de apostas tradicionais, a Kalshi opera nos Estados Unidos sob a supervisão da Commodity Futures Trading Commission, a CFTC, uma comissão do governo semelhante à CVM brasileira, responsável por regular o mercado financeiro e de investimentos. Ao receber o aval da CFTC, a empresa ganhou o status de plataforma de investimento. Lá, os usuários compram “contratos” baseados em previsões sobre eleições ou clima.

Porém, concorrentes acusam a Kalshi de usar esse selo como um atalho. Enquanto as apostas comuns exigem licenças rígidas estado por estado, proíbem palpites políticos e impõem idade mínima de 21 anos, a plataforma atua por todo o país, oferece previsões para eleições e aceita jovens a partir de 18 anos.

O cenário ganha contornos mais críticos com as conexões políticas da empresa. Donald Trump Jr. integra seu comitê gestor desde 2025, e Brian Quintenz, ex-conselheiro da Kalshi, foi nomeado pelo presidente Donald Trump para presidir exatamente a CFTC, gerando denúncias de favorecimento. No Brasil, especialistas avaliam que a roupagem financeira não esconde a natureza de aposta.

Colaborou Bruno Pavan



As plataformas preditivas operam à margem do sistema financeiro

MAGNIFIC



O perfil do endividado está concentrado entre homens, com 35 anos ou mais, e famílias de baixa renda

BHULLAR GRAPHIC/PEXELS

Custo estratosférico

Gasto das famílias com bets cresce 500% em três anos; o montante despendido nas apostas supera R\$ 30 bi mensais

Tatiana Schnoor

Os gastos das famílias brasileiras com apostas online, as bets, cresceram 500% em apenas três anos, passando de praticamente zero para mais de R\$ 30 bilhões mensais em março de 2026. Esse montante, que antes iria para o pagamento de contas essenciais, atualmente sofre um “efeito substituição”, deteriorando o consumo real, de acordo com pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), com base na análise de dados mensais da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), relativo ao período de maio de 2021 a março de 2026.

Na avaliação da CNC, o crescimento explosivo coincide com o aumento dos indicadores de endividamento e inadimplência, sugerindo uma relação direta entre os dois fenômenos no pe-

ríodo avaliado. Para compreender o ambiente econômico em que as bets se expandiram, a CNC analisou a evolução das variáveis macroeconômicas, taxa de desocupação, concessões de crédito para pessoa física e inflação, em paralelo aos indicadores de endividamento e inadimplência.

Para José Roberto Tadros, presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac, o poder de compra do cidadão é reduzido por essa prática que tem efeito negativo na vida real: “As apostas online estão comprometendo a renda das famílias brasileiras. O impacto já deixou de ser pontual e se tornou macroeconômico. Precisamos discutir os limites desse mercado”. Os dados mostram que o perfil do endividado está concentrado entre as pessoas do gênero masculino, com idade de 35 anos ou mais, e famílias de baixa renda.

Entre os indicadores de endividamento e inadimplência usados pela CNC, o de “famílias sem condição de pagar”, foi o que mais chamou a atenção. A proporção de pessoas que não terão condições de pagar suas dívidas nos próximos 30 dias mostra uma expansão pronunciada na medição feita a partir de janeiro de 2023, sugerindo um impacto significativo das bets na inadimplência severa das famílias.

O estudo Impacto das Apostas Online no Endividamento e Inadimplência das Famílias Brasileiras destaca ainda que a publicidade agressiva das bets pode estar contribuindo para o agravamento da inadimplência severa, que influencia diretamente os grupos mais vulneráveis.

O Brasil já é considerado o quinto maior mercado de apostas online no mundo. Em 2025, a receita bruta das empresas reguladas — autorizadas pela Secretaria de Prêmios e Apostas, do Ministério da Fazenda — alcançou R\$ 37 bilhões.

Vício em expansão

Para parte dos brasileiros, a aposta online é algo recreativo e emocionante. De 2023 para 2025, o percentual dos que sentem emoção ao apostar subiu de 25% para 27%. Já os que enxergam diversão na prática foi de 26% para 32%. Os dados são da pesquisa “Raio X do Investidor Brasileiro”, da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima).

O percentual de pessoas que fazem apostas em bets foi de 14%, em 2023, para 17%, em 2025. Entre os jogadores, 11% são classificados como problemáticos. É uma expansão de 1% em relação ao ano anterior (2024). Os de risco moderado tiveram aumento de 26% para 28% no período estudado.

A fragilidade financeira do apostador recorrente gera um custo social anual de R\$ 38,8 bilhões no Brasil. Cerca de 80% desse valor estão ligados a problemas de saúde, como perda de qualidade de vida ou tratamentos relacionados à depressão, além de mortes por suicídio. O cálculo foi realizado pelo Instituto de Estudos para Políticas de Saúde, Frente Parlamentar Mista para Promoção da Saúde Mental e organização Umame. **E**



A USA Rare Earth, listada na Nasdaq, adquiriu a Serra Verde em um acordo de US\$ 2,8 bilhões

Corrida pelas terras raras

A negociação em torno da mineradora Serra Verde, articulada pelo presidenciável Ronaldo Caiado, esquentou a discussão pela exploração de minerais críticos e chama atenção para a movimentação dos Estados Unidos no país

Ana Carolina Nunes e Luma Venâncio

Com a segunda maior reserva de terras raras no mundo sob seu solo, o Brasil está no foco das empresas multinacionais. E isso ficou mais claro com a recente negociação de aquisição da mineiradora Serra Verde, em Goiás, pela companhia norte-americana USA Rare Earth, um acordo avaliado em US\$ 2,8 bilhões, com previsão de conclusão no terceiro trimestre, e considerado “um marco significativo” para a história dos minerais críticos no Ocidente, de acordo com a avaliação do BTG.

Localizada no município de Minaçu, a mina Pela Ema, da Serra Verde, foi destacada como “um ativo único” pela CEO da USA Rare Earth, Barbara Humpton. “É a única produtora fora da Ásia capaz de fornecer os quatro elementos de terras raras magnéticos em grande escala”, disse. Ela se refe-

re às terras raras pesadas (um dos tipos que existem) chamadas disprósio (Dy), térbio (Tb), neodímio (Nd) e itrío (Y), fundamentais para a fabricação de ímãs permanentes usados em veículos elétricos, turbinas eólicas, robôs, drones, aparelhos de ar-condicionado de alta eficiência. Esses elementos críticos também são usados pelas áreas de semicondutores, defesa, nuclear e aeroespacial.

A Serra Verde iniciou a produção comercial no início de 2024 e ainda não atingiu a capacidade total, que deve ser de cerca de 6.500 toneladas de óxidos de terras raras por ano até 2027. Ainda assim, é a única a produzir esses elementos em grande escala no Ocidente. Existem outros projetos pelo país, mas leva tempo para que essas minas comecem a produzir em maior escala. A projeção é para depois de 2028. Por isso, a

aquisição revelada na semana passada chamou tanta atenção, em especial de lideranças políticas. O assunto virou vitrine na sucessão presidencial, do lado do governo à oposição.

Na visão do BTG, como consta em seu relatório, o Brasil está destinado a se tornar um player cada vez mais importante nesse setor. Os analistas citam, entre as principais empresas, Aclara, Viridis e Meteoric. A venda da Serra Verde pode ser “o início de uma onda mais ampla de transações no espaço. Empresas em estágio de desenvolvimento estão se tornando alvos de aquisição à medida que avançam para a produção”.

Em outro relatório recente, o S&P destaca, de maneira geral, a importância que o fornecimento de fontes não chinesas adquiriu para os países ocidentais. A avaliação é que o rápido



DIVULGAÇÃO

A mineiradora de Goiás é a única que já produz, em grande escala, terras raras essenciais para a fabricação de ímãs permanentes

crescimento do investimento público e privado está acelerando projetos de terras raras fora da China e que os governos estão intervindo cada vez mais por meio de financiamento, parcerias estratégicas e políticas industriais para reduzir a dependência do mercado chinês. Mas analistas alertam que isso pode criar um excesso de oferta a longo prazo se vários projetos entrarem em produção simultaneamente.

O S&P alerta que, embora o apoio político e o capital possam acelerar o desenvolvimento, a geologia, a complexidade do processamento e a integração a jusante continuam a limitar mudanças rápidas, sugerindo alterações graduais, em vez de transformadoras, nas cadeias de suprimento globais de terras raras.

Trunfo político

A negociação entre Serra Verde e USA Rare Earth, que é listada na Nasdaq, foi articulada por Ronaldo Caiado, presidenciável do PSD – e então governador de Goiás. O movimento foi lido como um trunfo político pelo também pré-candidato Flávio Bolsonaro (PL), que recentemente buscou nos Estados Unidos o aval para suas pretensões eleitorais, prometendo abrir ainda mais esse mercado, em caso de vitória em outubro. Em janeiro, o governo Donald Trump adquiriu uma participação na USA Rare Earth de 10%, com um pacote de investimentos de US\$ 1,6 bilhão, em capital próprio e financiamento (dívida).

Em agendas recentes pelo país, tanto Flávio quanto Caiado mencionaram o Brasil como a solução imediata para a dependência norte-americana de minerais críticos. Eles tentaram carimbar no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva o rótulo de “antiamericano”.

“O Brasil é a solução para os Estados Unidos quebrarem a dependência da China por minerais críticos, especialmente terras raras”, declarou Flávio durante o evento organizado pela direita norte-americana CPAC (Conservative Political Action Conference). Estima-se que a indústria da região dependa da China para cerca de 70% das importações dos minerais.

Já na pauta do governo, as discussões patinam entre a defesa da soberania e as relações com o setor privado ao tratar das terras raras. Como o Brasil vai lidar com a exploração desses valiosos elementos? Para o professor Daniel Kosinski, da Faculdade de Ciências Econômicas da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), a submissão do país à indústria estrangeira impõe perdas graves. “O Brasil perde em duas frentes: perde em termos de riqueza, na medida em que a indústria estrangeira tende a limitar as atividades à extração dos minérios brutos, a parte menos valorizada da cadeia; e perde em soberania, pois abdica do controle sobre a produção de um material que será cada vez mais estratégico”, afirmou.

Sem desenvolver as atividades em solo brasileiro, pondera Kosinski, seremos apenas produtores e exportado-

res dos minérios brutos, que são muito mais baratos, e compradores de todos os produtos extremamente sofisticados e caros produzidos a partir deles.

Posição oscilante

Oficialmente, o governo federal tem descartado a criação de uma estatal para o setor, a Terrabras. O projeto, defendido por congressistas de esquerda e parte da comunidade científica, tem o objetivo de garantir que o refino e a tecnologia das terras raras fiquem em mãos brasileiras. Em ano eleitoral, no entanto, Lula tem evitado adotar um discurso que pode gerar resistência no setor privado. Para Kosinski, a viabilidade da estatal para a gestão dos minerais é uma equação de resolução política. “Seria uma briga que um governo frágil como esse não me parece disposto a enfrentar”, disse.

A SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), por sua vez, defendeu a autonomia nacional e associou os interesses estrangeiros nas terras raras brasileiras ao risco de “exploração predatória”. No final do ano passado, a entidade divulgou uma nota técnica sobre o tema, assinada por diferentes sociedades científicas, em que propõe coordenadas para consolidar independência tecnológica no setor.

No Congresso, o embate está concentrado na proposta de instituição da Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos, que é alvo de críticas por parlamentares que enxergam um teor de entrega excessiva das jazidas. Inicialmente prevista para avançar ainda no primeiro trimestre, a tramitação sofreu sucessivos adiamentos ao longo de abril, diante da falta de consenso entre líderes partidários e da pressão de diferentes bancadas.

O ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Márcio Elias Rosa, defendeu a urgência de regras claras para a exploração de minerais críticos. Segundo ele, o governo busca garantir a industrialização desses recursos no país, evitando que o Brasil se torne apenas exportador de matéria-prima. O relator do projeto sobre o tema na Câmara, deputado Arnaldo Jardim (Cidadania-SP), adiou para a segunda-feira, 4, a apresentação do parecer, após pedido do governo para ajustes na proposta. **E**



O presidente dos Estados Unidos foi retirado rapidamente de um jantar após tiros terem sido disparados

BO ERICKSON/REUTERS

Encruzilhada

Após tentativa de atentado, Trump enfrenta pior aprovação do mandato, impasse com o Irã e críticas do chanceler alemão

Os últimos dias têm sido um teste de resistência para o presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Em um curto intervalo, o mandatário enfrentou uma tentativa de atentado, viu sua aprovação cair ao pior nível do mandato, passou a ser alvo de críticas de aliados internacionais, lidou com o aumento do custo de uma guerra prolongada e ainda foi confrontado com o endurecimento do discurso do Irã – por outro lado, recusou uma proposta para encerrar o conflito feita pelo regime dos aiatolás. De todo modo, o conjunto desses fatores vem criando um ambiente de pressão simultânea — política, militar e pessoal — que expõe um governo sob tensão crescente.

A sequência de eventos começou na noite de sábado, 25, em Washington. O tradicional jantar da Associação de Correspondentes da Casa Branca, marcado por formalidade e simbolismo institucional, foi interrompido por disparos no hotel Hilton, onde acontecia o encontro. Em meio ao pânico, convi-

dados se jogaram no chão e Trump foi retirado às pressas do palco por agentes do Serviço Secreto. Fartamente divulgado por múltiplas telas, o episódio, que evocou memórias de tentativas anteriores contra presidentes norte-americanos, se transformou em um alerta sobre vulnerabilidades na segurança presidencial.

Nos dias seguintes, vieram os desdobramentos. O autor dos tiros, o californiano Cole Tomas Allen, de 31 anos, foi formalmente acusado de tentativa de assassinato. Ele pode enfrentar prisão perpétua. Investigações revelaram que Allen, que se hospedou no Hilton, monitorava a agenda do presidente e chegou a fazer uma foto de si mesmo com facas antes de tentar romper o perímetro de segurança.

Allen, que é professor, estava com duas armas que comprou legalmente em 2023 e 2025, além das facas. Ele chegou a enviar mensagem para a família dizendo que iria matar membros do governo Trump. O professor teve

aulas de tiro, segundo pessoas próximas. Na tentativa de invadir o jantar, o californiano atingiu um agente do serviço secreto. Porém, ele usava colete à prova de balas e não sofreu ferimentos graves. Allen foi detido rapidamente.

O caso intensificou o debate sobre falhas no esquema de proteção, especialmente após relatos de que o atirador conseguiu circular pelo hotel com armas antes de ser contido. Autoridades governamentais iniciaram uma revisão dos protocolos, enquanto aliados e críticos passaram a questionar a eficácia do sistema de proteção.

O ataque ocorreu em um momento delicado para Trump. Na segunda-feira, 27, uma pesquisa Reuters/Ipsos indicou que sua aprovação caiu para 34%, o nível mais baixo desde o início de seu segundo mandato, em janeiro de 2025. O desgaste já vinha sendo alimentado pela guerra contra o Irã, iniciada em 28 de fevereiro, e pelos efeitos econômicos do conflito. O aumento de mais de 40% no preço da gasolina — que chegou a cerca de US\$ 4,18 por galão — passou a impactar diretamente o cotidiano dos norte-americanos, ampliando a insatisfação com o custo de vida. Apenas 22% dos entrevistados aprovam a forma como o presidente lida com essa questão.

“Uma nação inteira humilhada”

Enquanto a pressão doméstica cresce, o cenário internacional também se torna mais adverso. Na terça-feira, 28, o



Cole Tomas Allen foi acusado de tentativa de assassinato e pode enfrentar prisão perpétua

DONALD J. TRUMP VIA TRUTH SOCIAL

chanceler alemão Friedrich Merz afirmou que os Estados Unidos estavam sendo “humilhados” nas negociações com o Irã. “O problema com conflitos como este é sempre o seguinte: não basta entrar, é preciso também sair. Vimos isso de forma muito dolorosa no Afeganistão por 20 anos”, disse. E continuou: “No momento, não vejo qual saída estratégica os americanos vão escolher, sobretudo porque os iranianos estão claramente negociando de forma muito habilidosa – ou muito habilidosamente não negociando”, emendou. E veio o arremate: “Uma nação inteira está sendo humilhada pela liderança iraniana”.

A declaração, vinda de um aliado histórico, reforçou a percepção de isolamento de Washington. Trump reagiu de forma direta, dizendo que Merz “não sabe do que está falando” e sugerindo que o chanceler alemão deveria se concentrar em problemas internos, como imigração e energia.

A guerra, que já se arrasta por dois meses, também começa a cobrar um preço elevado para os cofres norte-americanos. Na quarta-feira, 29, o Pentágono informou que os gastos com a Operação Fúria Épica já somam cerca de US\$ 25 bilhões, com grande parte destinada a munições.

O número, embora contestado por integrantes do próprio governo, dá a dimensão do investimento militar e intensifica o debate sobre a sustentabilidade financeira da guerra e seus objetivos estratégicos.

Ao mesmo tempo, as negociações para encerrar o conflito permanecem travadas. Uma proposta apresentada nesta semana pelo Irã, que previa a reabertura do Estreito de Ormuz em troca do fim do bloqueio naval imposto pelos Estados Unidos (que impede a circulação das embarcações iranianas) foi rejeitada por Washington. A recusa aumentou a percepção de impasse e alimentou a pressão interna sobre o governo para encontrar uma saída. Nos bastidores, cresce a avaliação de que o cessar-fogo vigente é frágil e pode ser rompido a qualquer momento.

Diante desse cenário, Trump voltou a fazer o que tem sido uma marca de seu governo: apostou em imagens geradas por Inteligência Artificial e que empregam um tom mais agressivo ou

irônico. Em publicação na Truth Social, a rede social da qual é dono, afirmou que havia “cansado de ser bonzinho” e criticou a postura iraniana nas negociações. O recado foi acompanhado por uma ilustração em que aparece armado, em meio a explosões.

Em outra imagem, trocou o nome do canal que está gerando tanto impasse no mundo para Estreito de Trump. Paralelamente, surgiram informações de que os Estados Unidos avaliam retomar bombardeios contra alvos militares e políticos no Irã, caso não haja avanço diplomático.

Do outro lado, o endurecimento também é evidente. Em comunicado divulgado na quinta-feira, 30, o líder supremo iraniano, Mojtaba Khamenei, afirmou que o programa nuclear e de mísseis do país é um “patrimônio nacional” e não será objeto de concessão. Embora não faça aparições públicas (o que se suspeita seja por estar muito ferido em razão dos primeiros bombardeios sobre o Irã), ele declarou que os Estados Unidos sofreram uma “derrota humilhante” no conflito e indicou que o Irã pretende manter controle sobre o Estreito de Ormuz.

A sucessão desses eventos escancara um quadro de pressão multifacetada sobre Trump. Internamente, a combinação de insegurança e deterioração econômica afeta a percepção pública. Externamente, o impasse militar e diplomático amplia o risco de escalada. E, no plano político, a queda de popularidade e as críticas internacionais reduzem a margem de manobra do governo. **E**

FABIAN BIRMER/REUTERS

Merz: “Não vejo qual saída os americanos vão escolher; os iranianos estão negociando de forma muito habilidosa – ou muito habilidosamente não negociando”



O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Canadá

Processos pressionam OpenAI após atentado a tiros

Na quarta-feira, 29, sete ações foram apresentadas à Justiça dos Estados Unidos contra a OpenAI por famílias de vítimas de um ataque ocorrido em fevereiro em Tumbler Ridge, cidade na província da Colúmbia Britânica, no oeste do país. Os processos alegam que a empresa identificou comportamento preocupante no ChatGPT usado pela autora do atentado, Jesse Van Rootselaar, de 18 anos. A companhia chegou a suspender a conta, mas não alertou a polícia. Jesse matou oito pessoas antes de se suicidar. O CEO da OpenAI, Sam Altman, pediu desculpas. Novas ações devem ser protocoladas nas próximas semanas.

Cuba

Turismo desaba no primeiro trimestre

Dados do governo de Cuba mostram que a chegada de turistas à ilha caiu 48% no primeiro trimestre de 2026, para 298.057 visitantes. A informação é do Escritório Nacional de Estatística, em divulgação feita na segunda-feira, 27. A retração, agravada em março, reflete o bloqueio de combustível imposto pelos Estados Unidos e a suspensão de voos internacionais. O colapso atinge a principal fonte de divisas do país. A crise pressiona o governo de Miguel Díaz-Canel em meio à escassez de energia, problemas no transporte público e queda prolongada das receitas do setor.

Colômbia

Atentados geram insegurança às vésperas de eleições

Um atentado a bomba no sábado, 25, matou ao menos 20 pessoas e deixou dezenas de feridos no departamento de Cauca, informou o governo. A explosão ocorreu na rodovia Pan-Americana, corredor logístico estratégico no sul do país, e foi atribuída a dissidências das Farc. No dia anterior, ataques a bases militares em Cali e Palmira já tinham deixado vítimas, segundo o Exército, indicando ação coordenada. A escalada de violência pressiona o presidente Gustavo Petro às vésperas das eleições presidenciais, marcadas para o dia 31 de maio.



Noruega

Projeto quer barrar crianças nas redes sociais

O governo norueguês anunciou na sexta-feira, 24, que apresentará ao Parlamento, até o fim de 2026, um projeto de lei para proibir o uso de redes sociais por menores de 16 anos. A medida prevê que empresas de tecnologia façam a verificação de idade dos usuários. Segundo o primeiro-ministro Jonas Gahr Støre, a proposta visa proteger crianças dos efeitos do excesso de telas. Vários países europeus manifestaram a intenção de instaurar uma maioridade digital para acesso às redes, como França, Espanha e Dinamarca. Na Austrália e Turquia, já há leis aprovadas.

Coreia do Norte

Regime aproveita instabilidade global e acelera programa nuclear

Analistas alertam que a Coreia do Norte intensificou o programa de armas nucleares, explorando a instabilidade gerada pela guerra no Oriente Médio. Desde o início do conflito, em 28 de fevereiro, o país realizou cinco lançamentos de mísseis. Segundo o pesquisador Lim Eul-chul, da Universidade Kyungnam (Coreia do Sul), o "panorama da segurança global se transformou em uma 'terra sem lei', onde as normas internacionais já não funcionam". Entre os focos está a miniaturização de ogivas. O regime de Kim Jong Un estreitou laços com a Rússia, que oferece apoio técnico e econômico em troca de cooperação militar.

Talento precoce

O jovem ator Levi Asaf, 12 anos, leva sensibilidade, tradição e inspiração no artesanato Mestre Vitalino em “A Nobreza do Amor”

Após se destacar como Marcelino, personagem cativante de “Amor Perfeito” (2023), o jovem ator Levi Asaf, 12 anos, volta a chamar atenção na telinha. Há pouco mais de um mês, ele tem aparecido na faixa das 18h da TV Globo em “A Nobreza do Amor”. Na trama, Levi interpreta Vitalino, um menino sensível e talentoso que carrega uma forte conexão com suas raízes e com a arte.

Vitalino é neto da benzedeira Dona Menina, personagem vivida por Zezé Motta, e a relação entre os dois é um dos pilares da narrativa. A história se desenvolve entre o Nordeste brasileiro dos anos 1920 e um reino africano fictício, em uma proposta que mistura fantasia, espiritualidade e tradição em tom de fábula afro-brasileira.

Para dar vida ao personagem, Levi passou por uma preparação especial inspirada no legado do artesão Mestre Vitalino, de Caruaru (PE), prestando homenagem a esse reverenciado criador de peças de barro que moldam crenças populares e retratam a vida no Nordeste. Levi mergulhou no universo do artesanato, desenvolvendo habilidades com o barro para trazer mais autenticidade ao papel e reforçar a essência artística de seu personagem.

Mesmo jovem, Levi Asaf, que nasceu em Juazeiro (BA) e foi criado em Campinas (SP), já constrói uma trajetória consistente nas artes. Ele iniciou a carreira aos 5 anos como modelo publicitário. Pouco tempo depois, expandiu sua atuação para o teatro e a televisão, demonstrando versatilidade desde cedo.

Nos palcos, ganhou destaque ao protagonizar “O Pequeno Príncipe”, em 2022, em São Paulo, consolidando sua presença no teatro. No streaming, depois do sucesso em “Amor Perfeito” – em que contracenou com Diogo Almei-

da e Camila Queiroz –, ele participou de “Dona Beja”, produção da HBO que estreou em fevereiro, ampliando seu alcance em diferentes formatos. Nela, o ator faz o papel de Antonio Sampaio criança, que se torna par romântico de Beja (Grazi Massafera).

Além disso, o jovem talento baiano tem presença confirmada no filme “Tá Pago”, comédia dirigida por Cris D’Amato e prevista para estrear no Globoplay ainda neste ano. Levi já conta também com experiência no cinema: ele está no elenco de “Narciso”, longa-metragem de Jeferson De, que fala sobre abandono e estreou em março nas salas brasileiras.

Fora das telas, Levi integrou a comissão de frente da Beija-Flor de Nilópolis no Carnaval de 2025. Ele interpretou Mestre Laíla, carnavalesco, produtor musical, cantor, compositor e sambista que foi homenageado pela escola de samba, em uma apresentação premiada com nota máxima.

Dividindo sua rotina entre estudos, cursos e novos projetos, Levi Assaf segue fortalecendo uma carreira sólida e versátil. Em “A Nobreza do Amor”, ele reafirma seu talento ao construir um personagem que reúne delicadeza, tradição e expressão artística, contribuindo para a atmosfera poética da novela. **E**



Levi está em sua segunda novela na Globo, “A Nobreza do Amor”

DIVULGAÇÃO/LUCAS TEIXEIRA

Em “Amor Perfeito”, em sua estreia na TV, contracenou com Camila Queiroz

PAULO BELOTE/ DIVULGAÇÃO

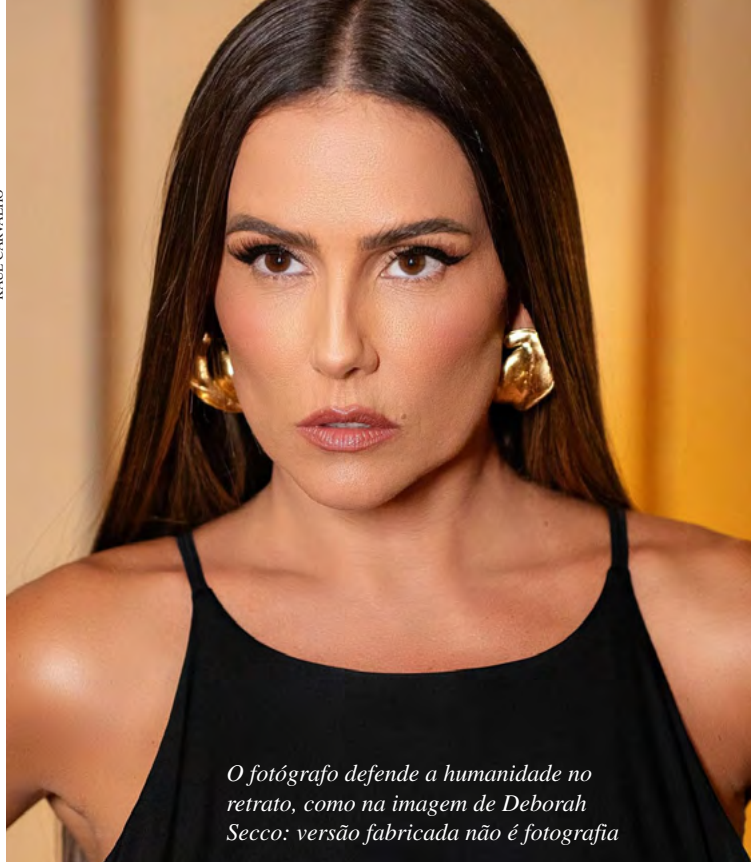




A geração que cresceu vendo filtro já sabe identificar quando algo não bate, avisa Kaue

KAUE CARVALHO

KAUE CARVALHO



O fotógrafo defende a humanidade no retrato, como na imagem de Deborah Secco: versão fabricada não é fotografia

Limite da autenticidade

Fotógrafo de celebridades como Deborah Secco, Kaue Carvalho faz alerta sobre uso de IA para “retoques”

André Ruoco

Responsável por retratar nomes como as atrizes Deborah Secco e Giullia Buscacio, o DJ e modelo Jesus Luz e a influenciadora Maria Lina, o fotógrafo paulistano Kaue Carvalho acompanha de perto e por dentro as transformações que a inteligência artificial vem provocando no mercado de imagem. Dentro desse segmento, ele avisa: o público já começou a perceber quando a tecnologia ultrapassa o limite da autenticidade.

Para Kaue, embora a IA tenha ampliado possibilidades técnicas, também abriu espaço para distorções. “A IA facilitou muita coisa. Mas também abriu uma porta perigosa: a de fingir qualidade que não existe”, diz. Para ele, a questão não está na ferramenta em si, mas na intenção por trás do emprego da tecnologia. “O problema está no uso que se faz dela quando o objetivo é impressionar em vez de expressar”, analisa.

Antes de qualquer ensaio, o fotógrafo segue uma regra simples: desligar o piloto automático. Não o da câmera, mas o do olhar. A ideia é evitar repetições e garantir que cada imagem carregue identidade própria, especialmente quando o trabalho envolve figuras públicas.

No dia a dia, Kaue admite utilizar recursos de inteligência artificial para otimizar processos técnicos. Mas faz uma distinção clara quando o assunto é retrato. “Quanto mais humano o fotografado, menos espaço para automação. Celebridade é imagem, é narrativa, é confiança. Você não pode entregar uma versão fabricada de alguém e chamar isso de fotografia”, afirma.

Segundo ele, a mudança mais significativa não está apenas na produção, mas na recepção. O olhar do público evoluiu. “Tem uma geração inteira que cresceu vendo filtro e já sabe identi-

car quando algo não bate. Isso muda o jogo para quem trabalha com figuras públicas.”

A discussão, no entanto, ainda é superficial no Brasil, na avaliação do fotógrafo. Para Kaue, o mercado insiste em priorizar estética em detrimento da responsabilidade. “Quando você altera significativamente a imagem de uma pessoa pública sem deixar isso claro, está criando uma ficção. E ficção tem consequência”, diz.

Diante do avanço inevitável da tecnologia, Kaue acredita que o ponto de equilíbrio não será definido pelas ferramentas, mas pelas escolhas. “A tecnologia vai continuar evoluindo. A pergunta que o fotógrafo precisa responder é: ‘o que eu quero dizer com essa imagem?’. Porque se você não sabe responder isso, nenhuma ferramenta vai salvar o seu trabalho”, completa. **E**

Parte do Eagle Football Group, a SAF Botafogo foi colocada à venda no mercado internacional



ARTHURBARRETO

Estrela ameaçada

Dívidas e problemas na SAF Botafogo ameaçam o futuro do clube

Ivan Gomes

A trajetória do Botafogo sob o modelo de Sociedade Anônima do Futebol (SAF) atingiu um ponto de inflexão dramático que mistura a glória esportiva recente com uma crise administrativa e financeira sem precedentes. Após um 2024 histórico, marcado por títulos e investimento agressivo no futebol, o clube mergulhou neste ano em um cenário de incertezas que hoje ameaça a continuidade do projeto iniciado pelo empresário norte-americano John Textor.

Acionista majoritário da SAF em 2022, Textor assumiu o passivo histórico do clube, prometendo um investimento de cerca de R\$ 400 milhões no futebol. Sob sua gestão, o Botafogo modernizou a infraestrutura do Centro de Treinamento (CT) e do Estádio Nilton

Santos, além de fortalecer o departamento de análise de mercado. Em campo, o clube conquistou o Campeonato Brasileiro e a Libertadores em 2024.

Porém, o lado financeiro está sufocando a agremiação, apelidada de Estrela Solitária. O endividamento total da SAF saltou para a casa dos R\$ 2,7 bilhões, um valor que combina o passivo herdado do clube social com as novas obrigações contraídas para a montagem de elencos estelares.

Essa asfixia se manifestou de forma prática por meio de sucessivos transferências internacionais, como o caso envolvendo o atacante pernambucano Rwan Cruz, hoje no Ludog-

rets, da Bulgária. Com a punição, o clube está impedido de inscrever novos jogadores nas competições que disputa, necessitando quitar a dívida de 8 milhões de euros (R\$ 48,3 milhões na cotação da época) para poder retornar ao mercado.

O agravamento da crise levou a um rompimento institucional severo. Na semana passada, uma decisão do Tribunal Arbitral da Fundação Getúlio Vargas (FGV) resultou no afastamento de Textor do comando direto da SAF Botafogo. O motivo central teria sido a tentativa do empresário de negociar ações da SAF sem a devida anuência dos demais parceiros e do clube social, além da polêmica entrada com um pedido de recuperação judicial sem consenso interno. Com o afastamento, a gestão interina

O modelo de SAF no Brasil

A Sociedade Anônima do Futebol (SAF) é um modelo de constituição jurídica criado pela Lei 14.193/2021, que permite que os clubes de futebol brasileiros deixem de ser associações civis sem fins lucrativos para se tornarem empresas. Diferentemente do modelo associativo, em que o poder é exercido por sócios e conselheiros eleitos, a SAF possui acionistas e uma estrutura de governança corporativa, permitindo a venda do controle para investidores. O objetivo dessa lei foi profissionalizar a gestão esportiva e oferecer mecanismos mais robustos para o pagamento de dívidas tributárias e cíveis, oferecendo um regime de tributação simplificado e caminhos claros para a recuperação judicial ou extrajudicial.

No cenário de 2026, o modelo já está amplamente disseminado nas principais divisões do país. Além do Botafogo, alguns clubes da Série A adotaram a SAF ou modelos de clube-empresa. Entre eles estão Bahia (gerido pelo Grupo City, que inclui o inglês Manchester City, o japonês Yokohama F. Marinos e o espanhol Girona), Cruzeiro, Vasco da Gama, Atlético-MG, Fluminense e Athletico-PR. Coritiba e Red Bull Bragantino também operam sob lógicas empresariais consolidadas.

O modelo tem gerado resultados mistos: enquanto alguns clubes alcançaram estabilidade financeira e competitiva, outros, como o próprio Botafogo e o Vasco, enfrentam desafios complexos. O time cruzmaltino, por exemplo, entrou em um modelo de SAF que rapidamente ruiu, com o rápido afastamento da 777 Partners. O clube associativo, liderado por Pedrinho (ex-jogador e ídolo vascaíno), assumiu o controle temporário e negocia a venda de 90% da SAF para novos interessados.



Bahia é gerido pelo Grupo City, dono do Manchester City

REPRODUÇÃO

passou para as mãos de Durcesio Mello, ex-presidente do clube associativo, nomeado agora diretor-geral.

Diante da incapacidade de manter os aportes e da pressão de credores, a SAF Botafogo foi oficialmente colocada à venda no mercado internacional. Publicado no jornal Financial Times, o anúncio de que o controle acionário está disponível atraiu olhares de grupos de investimento, incluindo a empresária sul-coreana Michelle Kang, dona de diversos clubes. Ela já possui histórico de rivalidade comercial com Textor no Lyon, time francês que está entre as propriedades do Eagle Football Group — do qual faz parte a SAF do Botafogo. Entretanto, o processo é complexo

devido ao tamanho do passivo financeiro que o comprador terá de assumir.

O futuro do Botafogo, que atualmente ocupa o oitavo lugar no Brasileiro, depende agora de uma corrida contra o tempo para encontrar um novo investidor. A recuperação judicial, pedido protocolado no dia 22 no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, aparece como umas das saídas para escalonar o pagamento dos R\$ 1,6 bilhão de curto prazo e evitar que o patrimônio esportivo seja extinto. No entanto, a desconfiança do mercado em relação ao modelo de gestão anterior e a perda de peças-chave do elenco para abater dívidas colocam o clube em uma posição de vulnerabilidade. **E**



John Textor foi afastado do comando direto da SAF Botafogo

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Super-humanos

O queniano Sabastian Sawe bateu o recorde da maratona, com 1h59min30s em Londres; o etíope Yomif Kejelcha, o segundo, também correu abaixo de duas horas

Em maio de 1960, o maratonista norte-americano Buddy Edelen, uma lenda do atletismo, declarou a uma associação de cronistas esportivos que “não demoraria muito” para que a distância fosse completada em menos de duas horas. O feito demorou bem mais tempo para ser concretizado, mas veio em dose dupla e em uma das maratonas mais concorridas do universo das corridas de rua: a de Londres. No domingo, 26, o queniano Sabastian Sawe fechou os 42,195 km com 1h59min30s, estabelecendo novo recorde mundial e

tornando-se o primeiro atleta a quebrar oficialmente a barreira das duas horas. Logo atrás, o etíope Yomif Kejelcha completou a prova em 1h59min41s.

Ao contrário do que acreditava Edelen - o primeiro maratonista a cumprir a distância abaixo de 2h15min, em 1963 -, especialistas em fisiologia do esporte ou corrida entendiam que o feito iria demorar um tempo considerável para ser registrado ou até que ele era impossível. Em 2011, François Peronet, professor da Universidade de Montreal, calculou que a barreira das duas

horas seria superada no ano de 2028. Dois anos depois, Robert Johnson, cofundador da plataforma LetsRun, especializada em atletismo e corrida, afirmou que os humanos não estavam perto de conseguir isso. O limite não seria rompido nunca. E o fisiologista norte-americano Michael Joyner estimou, em 2019, que a marca seria alcançada, sim, mas em 2032.

Johnson escreveu a respeito de seu vaticínio. “Para ser honesto, não me arrependo nem um pouco. Objetivamente, se julgarmos apenas pelos resultados, minha coluna estava totalmente errada. Mas eu não antecipei supertênis de maratona com superespumas e placas de carbono. (...) A realidade é que, antes da invenção dos supertênis com placa de carbono há pouco mais de uma década, o recorde mundial da maratona era 2:02:57. A Nike os inventou, a Adidas pode tê-los aperfeiçoado, e agora o recorde mundial é 1:59:30. Nos últimos oito anos, o recorde mundial da maratona caiu 3:27. Isso é exatamente o mesmo quanto o recorde melhorou nos 25 anos entre 1988 e 2013”, explicou.

Os supertênis, de fato, deram impulso ao sonho da maratona abaixo de duas horas. Conseguir essa marca estava na mira das grandes marcas esportivas. E quem foi ao topo com a quebra de recorde foi a Adidas. Ela calçou Sawe, Kejelcha e também a ganhadora na disputa feminina da Maratona de Londres, a etíope Tigst Assefa, que venceu a prova com 2h15min41s, o tempo mais rápido já registrado em uma maratona exclusivamente feminina. O modelo dos três é o novíssimo Adizero Adios Pro Evo 3.

Antes de falar da tecnologia empregada no produto, vale contar como foi a disputa. Aos olhos dos apaixonados por corrida e esporte, a etapa final foi emocionante. Sob uma temperatura próxima dos 15 °C, considerada ideal para alto rendimento, o pelotão principal manteve ritmo forte, mas controlado, durante a primeira metade. A quebra começou a se desenhar após a marca dos 30 quilômetros, quando Sawe, 31 anos, e Kejelcha, de 28 anos, se distanciaram do restante do grupo.

Os dois atletas seguiam próximos, alternando pequenas variações de ritmo, sem abrir vantagem significativa. A prova passou a ser um duelo. Nos



Sawe fez o que alguns achavam impossível: na Maratona de Londres correu abaixo de duas horas

DIVULGAÇÃO



Tigst Assefa venceu a prova feminina com 2h15min41s, mais um recorde



Adidas lançará o Adizero Adios Pro Evo 3 em agosto a R\$ 4.999

O "supertênis" da Adidas no Brasil

Usado pelo novo recordista mundial da maratona, o queniano Sebastian Sawe, o modelo da Adidas que cruzou a linha de chegada em Londres desembarca no Brasil em agosto. O Adizero Adios Pro Evo 3, o mais tecnológico da marca alemã no momento, terá o preço de R\$ 4.999. Inicialmente, a venda será exclusiva pelo site da Adidas.

O Evo 3 conta com uma série de inovações projetadas para liberar máxima velocidade e eficiência para o corredor, destaca a Adidas. A espuma é a mais leve e responsiva da fabricante e tem quase 50% menos peso que versões anteriores. Com 39 mm de altura, a proposta é maximizar amortecimento, propulsão e retorno de energia a cada passada.

De acordo com a Adidas, no centro do avanço proporcionado pelo tênis — que pesa em média 97 gramas — está a tecnologia Energyrim, um sistema integrado ao carbono que sustenta o volume de espuma do modelo sob o pé. A interação entre espuma e carbono redefine a propulsão e eficiência do supertênis.

quilômetros finais, Sawe fez sua movimentação decisiva: acelerou progressivamente até abrir uma diferença que Kejelcha não conseguiu responder. Na reta do The Mall, tradicional chegada da maratona londrina, Sawe foi empurrado pela reação do público, que percebia a iminência de um feito histórico. Já perto da linha de chegada, o queniano teve dimensão do que estava acontecendo: o relógio indicava que a barreira das duas horas estava sendo superada em condições oficiais. O recorde de 2h00min35s, estabelecido pelo queniano Kelvin Kiptum, na Maratona de Chicago em 2023, enfim, caiu. O terceiro colocado, o ugandense Jacob Kiplimo, terminou a prova em 2h00min28s, também abaixo da marca de Kiptum, que morreu em 2024, em um trágico acidente de carro.

Kiplimo correu com um modelo da Nike, o Alphafly 4 Proto. No feminino, a segunda colocada, Hellen Obiri, cumpriu a distância em 2h15min53 usando um tênis On (Cloudbloom LS Pro). E a terceira, Joyciline Jepkosgei, quenianas como a vice-campeã, fechou a prova com 2h15min55 usando um Asics Metaspeed Proto ME5-P.

Tempo não homologado

O duelo das marcas faz parte da busca pela quebra das duas horas. Em maio de 2017, a Nike promoveu um evento especial, o Breaking 2, no circuito de Monza, na Itália, com três corredores da elite do esporte: Eliud Kipchogel (Quênia), Zersenay Tadese (Eritreia) e Lelisa Desisa (Etiopia). Kipchoge, que hoje tem 41 anos, correu a maratona em 2h00min25s, usando o modelo Nike ZoomX Vaporfly 4%. Mas não foram

obedecidas regras da World Athletics, que rege o atletismo, e o resultado não foi homologado. Em outubro de 2019, o atleta queniano registrou 1:59:40 no desafio Ineos 1:59, outra prova fechada, em Viena (Áustria). O evento foi organizado pela Ineos, empresa britânica de produtos químicos, mas a Nike estava junto. Mais uma vez, requisitos da entidade não foram cumpridos e também esse tempo não foi oficializado.

Depois da Maratona de Londres, o campeão Sawe declarou, em entrevista, que poderia baixar ainda mais o tempo para 1m58min, talvez na Maratona de Berlim, em setembro. Perguntado sobre o que tinha ingerido antes da prova, respondeu calmamente: duas fatias de pão, mel e chá. Simples assim. Há quem diga que os grandes resultados virão com os supertênis, mas também se comenta que os super-humanos constroem suas vitórias devido a uma habilidade extra: saber administrar o lado psicológico na trilha. Esse talento Sawe aparenta ter. **E**

Kipchogel fez 1h59min40 em evento controlado, em 2019; tempo não foi homologado



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

O maior show da Loba

Shakira faz em Copacabana sua maior apresentação da carreira, construída com hits que expressam latinidade e conquistaram o mundo

Letícia Sena

A colombiana Shakira promete transformar o sábado, 2 de maio, em um marco para o pop mundial. Na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, a artista sobe ao palco do festival gratuito “Todo Mundo no Rio”, plataforma de shows organizada pela prefeitura da cidade, diante de uma multidão com uma meta clara: apresentar o maior espetáculo de toda a sua carreira.

A ambição não surge por acaso. Com mais de três décadas de trajetória, turnês internacionais esgotadas e apresentações que entraram para a história, como a feita no intervalo do Super Bowl LIV, em 2020, ao lado de Jennifer Lopez, Shakira construiu uma reputação baseada em consistência e reinvenção. Ao longo dos anos, equilibrou evolução artística e identidade própria, o que dá peso às expectativas em torno desta apresentação no Brasil, onde já fez mais de 40 shows.

Mais do que um grande evento, o espetáculo em Copacabana surge como uma espécie de afirmação artística, reunindo passado, presente e novas fases da cantora em um único espetáculo. No palco, Shakira costuma combinar técnica, emoção e autenticidade, elementos que devem aparecer de forma ainda mais intensa no Rio. A proposta é conduzir o público por diferentes momentos de sua carreira, desde os primeiros sucessos em espanhol até a consolidação global com músicas em inglês, além de canções recentes marcadas por experiências pessoais.

Clássicos como “Hips Don’t Lie”, “Waka Waka” e “Whenever, Wherever” devem dividir espaço com faixas mais atuais, criando uma narrativa que mistura diferentes fases sem seguir uma ordem linear. A ideia é transformar o espetáculo em um retrato vivo da trajetória da Loba, apelido que ganhou em 2009, após a canção “She

Wolf”. Por sinal, o público já apelidou o evento de Lobacabana – o que a artista demonstrou também via Instagram, em foto na qual aparece segurando um leque onde se lê a expressão.

A performance da artista também deve apostar em coreografias elaboradas, marca registrada da artista, que misturam dança do ventre, pop e ritmos latinos, além de uma cenografia tecnológica e imersiva. As interpretações prometem refletir um momento mais intenso da cantora, equilibrando emoção e nostalgia.

Nascida em Barranquilla, na Colômbia, Shakira cresceu cercada por influências culturais diversas, que moldaram seu estilo único. Sua música transita entre pop, rock, ritmos latinos e referências árabes. Nos anos 1990 e início dos 2000, enquanto muitos artistas latinos buscavam se adaptar completamente ao mercado norte-americano, ela seguiu um caminho diferente: expandiu sua carreira internacional sem abrir mão de suas raízes.

Ao manter o espanhol como parte central de sua obra ajudou a ampliar o alcance da música latina no cenário global e abriu portas para novas gerações. O sucesso atual de artistas latinos no mercado internacional não é isolado. Shakira faz parte de uma geração que ajudou a transformar a latinidade em um fenômeno global.

Sua carreira vai além da música e incorpora elementos de identidade, mistura cultural e pertencimento, aspectos que devem ganhar destaque no show no Rio, especialmente em um país como o Brasil, que compartilha essa diversidade.

A escolha do Brasil como palco desse momento tem significado especial. Desde os anos 1990, o público brasileiro acompanha sua carreira de perto e foi um dos primeiros fora do universo hispânico a abraçar seu trabalho.

Essa conexão é intensa. A cantora já revelou, em diferentes ocasiões, que aprendeu português como forma de se aproximar dos fãs, fortalecendo ainda mais essa relação. O domínio do idioma pode ser visto em diversos programas de TV dos quais participou, como

Shakira se apresentará para aproximadamente 2 milhões de pessoas, segundo a prefeitura



o “Domingão”, com Luciano Huck, no ano passado. Agora, esse vínculo ganha um novo capítulo com o show em Copacabana, descrito pela própria artista como a realização de um sonho. Há ainda a expectativa de uma participação especial de Anitta. Caso se confirme, o encontro pode incluir faixas como “Chantaje” ou “Choka Choka”, do novo álbum da brasileira. O encontro das duas estrelas amplia o diálogo entre a música latina e o funk brasileiro em uma noite com potencial para entrar na história.

Impacto econômico maior que Lady Gaga e Madonna

A prefeitura do Rio de Janeiro divulgou uma estimativa de R\$ 776,2 milhões para o impacto econômico do show gratuito, a ser realizado pela Bonus Track, com patrocínio master de Corona. O dado integra o estudo “Potenciais Impactos Econômicos do ‘Todo Mundo no Rio’ 2026 – Shakira”.

A estimativa de impacto econômico supera os R\$ 600 milhões projetados para a apresentação de Lady Gaga no ano passado e os R\$ 469,4 milhões do show de Madonna em 2024.

O cálculo considera um ticket médio de R\$ 547,30 por dia para turistas brasileiros (com permanência de três dias), R\$ 626,40 para estrangeiros (quatro dias) e R\$ 141,75 para o público local.

A organização espera dois milhões de pessoas, sendo 13,9% de turistas nacionais (278 mil), 1,6% de turistas internacionais (32 mil) e 84,6% de cariocas e moradores da Região Metropolitana (1,7 milhão).

Na comparação entre maio de 2025 e maio de 2024, no show de Madonna, o crescimento real foi de 8,2%, com arrecadação adicional de R\$ 5,1 milhões, já que, em maio de 2024, o total havia sido de R\$ 61,8 milhões.

Morte na montagem

Durante os preparativos do show, uma tragédia tirou a vida do serralheiro Gabriel de Jesus Firmino, de 28 anos. Ele sofreu esmagamento das pernas em um sistema de elevação enquanto trabalhava na montagem do palco, no domingo, 26. O trabalhador foi encaminhado ao Hospital Municipal Miguel Couto, mas não resistiu aos ferimentos.

O Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio (Crea-RJ) informou no dia seguinte que irá atuar e multar a empresa MG Coutinho Serviços Cenográficos, contratado pela produtora. A Bonus Track também foi acionada. O CREA solicitou a relação de empresas e profissionais que prestam serviços técnicos para o show da cantora colombiana.

A delegacia encarregada das investigações, a de Copacabana, informou que as investigações – que vão apontar se houve negligência da empresa – de-

vem ser concluídas em um mês. De acordo com a Bonus Track, o amparo à família é prioridade. A produtora disse também que a cantora entrou em contato com a organização assim que soube do acidente trágico.

“Shakira (...) tem mantido contato constante com nossa equipe, acompanhando de perto os desdobramentos. Ela está muito comovida com o que aconteceu e também foca sua energia nesse amparo aos familiares”, declarou a empresa, em nota. **E**

Colaborou Matheus Almeida

Globo faz transmissão multiplataforma

Quem não puder estar nas areias de Copacabana, poderá ver o show de Shakira pela TV aberta, pela TV paga e pelo streaming. A partir das 21h20, começa a transmissão pelo Globoplay e pelo Multishow. Na TV Globo, o público poderá acompanhar a apresentação da Loba assim que terminar a novela “Três Graças”. Só mulheres vão comandar as transmissões. Na Globo, Ana Clara será parceira de Kenya Sade, já conhecida do público na condução de festivais e grandes apresentações musicais. As duas vão comentar os principais momentos do show. Já no Globoplay e no Multishow, Dedé Teicher e Laura Vicente farão entradas ao longo da programação, com informações sobre a carreira da artista, bastidores e a expectativa do público que toma conta da orla carioca.

Segundo a Globo, em 2025, quando a atração do projeto foi Lady Gaga, mais de 32 milhões de pessoas acompanharam a transmissão pela TV. No Globoplay, a apresentação foi o show de maior alcance na história da plataforma. E nas redes sociais o impacto também foi expressivo: 60% das menções ao show da cantora norte-americana citaram a transmissão da Globo.



A cantora já fez mais de 40 shows no Brasil, onde também marcou presença na TV, como no “Domingão”



Boninho e Hassum no novo reality que tem dinâmica com três casas e “semanadas” para os participantes

ANTONIO CHAHESTIAN, @EDIMORAES

O novo desafio de Boninho

Com a “Casa do Patrão”, na Record e no Disney+, o diretor que ficou famoso com o “BBB” se lança em mais um reality em projeto com Leandro Hassum

Letícia Sena

Famoso por causa do “BBB”, o diretor José Bonifácio Brasil de Oliveira, o Boninho, está focado em seu novo projeto, “Casa do Patrão”, reality show que estreou na segunda-feira, 27, na Record e no Disney+, em parceria que conecta TV aberta e streaming. Este é um momento decisivo para o executivo de TV, idealizador da atração. Perguntado sobre a nova fase, respondeu que se sente “muito feliz”.

Os dados de audiência mostram que a estreia da “Casa do Patrão”, que tem apresentação de Leandro Hassum, foi

positiva. Em comparação com as quatro semanas anteriores, o índice subiu 41% na Record.

Na faixa horária do programa (com início às 10h30), o canal assumiu a vice-liderança, atrás da Globo. A aferição na Grande São Paulo registrou 4,7 pontos de audiência. Já o principal reality da casa, “A Fazenda”, cravou 5,9 pontos na estreia da edição 17, em 15 de setembro do ano passado.

O primeiro dia da atração chamou atenção do público pela produção mais simples, ao menos na dinâmica de jogo

(em comparação ao “BBB” e mesmo ao que se vê em “A Fazenda”) e por algumas gafes comuns a transmissões ao vivo, como errar o nome da próxima atração, o que aconteceu com Hassum, ou não mostrar o campeão da rodada, o que também ocorreu na TV aberta. O vencedor foi conhecido por quem acompanhava o jogo pelo Disney+. Além da exibição na TV, o reality conta com transmissão 24 horas por dia no streaming, com oito câmeras ao vivo para acompanhar tudo o que acontece dentro da casa em tempo real.

O cronograma semanal de “Casa do Patrão”

A rotina semanal do reality é estruturada com eventos fixos, que ditam o ritmo e as emoções do jogo. O público desempenha um papel fundamental ao votar para decidir quais participantes permanecem na disputa, influenciando diretamente o resultado final da competição.

- **Sábado:** Prova que define o novo Patrão da semana.
- **Domingo:** Festa para descontração e possíveis articulações.
- **Segunda:** Prova “Tô Fora” que oferece a chance de mudar de grupo ou aliança.
- **Terça:** Formação da berlinda, com múltiplas indicações de participantes.
- **Quarta:** Nova festa para os confinados.
- **Quinta:** Eliminação de um participante, conforme votação do público.
- **Sexta:** “VAR” com revelações de estratégias e segredos, elucidando momentos importantes da semana.

ANTONIO CHAHESTAN



Estreia de “Casa do Patrão” aumentou a audiência na Record em 41%

O formato do reality, que terá duração de 81 dias, contempla três ambientes principais: Casa do Patrão, o espaço mais luxuoso, ocupado por quem vencer a principal prova da semana (nesta estreia, o ganhador foi o motorista de aplicativo Luis Felipe Alvim, entre os 18 participantes, todos anônimos); Casa do Trampo, local onde ficam os demais participantes, com menos conforto e mais responsabilidades; e Casa da Convivência: área comum destinada a interações, estratégias e votações.

Semanalmente, os competidores disputam a Prova do Patrão, que garante vantagens importantes no jogo, como imunidade e poder de indicação. Já quem estiver na Casa do Trampo precisará cumprir ordens do Patrão.

Caso alguém se recuse, poderá sofrer punições. Um detalhe: o “mandato” do Patrão dura só uma semana. Na sequência, tem de ser outra pessoa.

Boninho deixou a TV Globo oficialmente em setembro de 2024. A saída ocorreu após mais de 40 anos na emissora, onde se consolidou como um dos principais nomes do entretenimento, comandando a área de realities. Em 6 de outubro de 2025, ele encabeçou o “The Voice Brasil” no SBT e no Disney+. O programa manteve o formato de sucesso, com exibições ao vivo, novo cenário e conteúdos exclusivos no streaming. Seu objetivo era inovar após sua saída da Globo.

Hassum, conhecido por ser comediante e atuar nas telonas do cinema, recebeu a nova missão, uma novidade em sua trajetória com entusiasmo: “Eu amo desafios”.

Celulares e “semanadas”

Um dos diferenciais da “Casa do Patrão” será a ausência de equipes administrando as redes sociais dos participantes. Cada um deles acessa celulares cedidos pela produção para gravarem conteúdos até duas vezes por dia. Com isso, o controle da própria imagem será mais limitado, o que pode impactar diretamente a popularidade dos jogadores fora do reality.

O contraste entre os ambientes também é um chamariz. Enquanto o Patrão e seus aliados terão acesso a festas produzidas e looks especiais, os morado-

res da Casa do Trampo precisarão usar uniforme obrigatório.

Outro elemento diferenciador de “A Casa do Patrão” é o seu sistema financeiro. Cada participante inicia o jogo com um valor monetário, que pode ser alterado conforme suas escolhas e desempenho ao longo da competição. Essa mecânica adiciona uma camada de estratégia e risco ao jogo. O prêmio pode chegar a R\$ 2 milhões.

O Patrão recebe recompensas por sua posição de liderança, mas também está sujeito a penalidades que podem afetar seu saldo financeiro. Os grupos de participantes recebem “semanadas”, cujos valores variam com base em avaliações internas e da percepção do público. Importante notar que tudo dentro da casa tem um custo, inclusive o acesso a vantagens e privilégios. Isso significa que a proximidade com o poder pode resultar em maiores ganhos, mas também expõe o jogador a riscos e desafios financeiros ampliados.

As comparações com outros realities são inevitáveis, mas Boninho afirmou que a nova atração terá identidade própria. Ele declarou, no lançamento do programa, que as provas serão mais simples e diretas – o que se viu na estreia. Também destacou que a proposta aposta em três pilares principais: hierarquia explícita, pressão social e decisões com impacto direto na convivência. Ou seja, apesar das semelhanças com outros formatos, a intenção é entregar uma dinâmica diferente. **E**

Glamour por um fio

“O Diabo Veste Prada 2” escancara drama da mídia e do jornalismo de moda e traz personagens mais “pé no chão”, mas com elegância

Marília Barbosa e Lena Castellón

Duas décadas após transformar o icônico suéter azul, do hoje famoso tom cerúleo, em um contraponto entre poder e humilhação corporativa, o mundo da moda volta a prender a respiração com a aguardada sequência de “O Diabo Veste Prada”, que chegou oficialmente aos cinemas nesta quinta-feira, 30, trazendo de volta o quarteto que definiu uma era na cultura pop: Meryl Streep, Anne Hathaway, Emily Blunt e Stanley Tucci.

Sob a direção de David Frankel, que retorna ao comando da franquia, o longa não apenas revisita os corredores da revista Runway, mas confronta a lendária Miranda Priestly (Meryl Streep) com um adversário que ela não pode simplesmente ignorar: a morte do jornalismo impresso e a ascensão implacável do digital. Diferentemente do que muitos fãs especulavam, a trama de “O Diabo Veste Prada 2”

não segue fielmente os eventos do livro “A Vingança Veste Prada”, de Lauren Weisberger (ex-assistente da respeitada jornalista Anna Wintour, ex-editora da Vogue dos Estados Unidos e autora do livro “O Diabo Veste Prada”).

Em vez disso, o roteiro original de Aline Brosh McKenna coloca Miranda em uma posição vulnerável, tentando salvar seu império em um mercado editorial em declínio.

A grande reviravolta reside no fato de que a chave para a sobrevivência da Runway está aparentemente nas mãos de sua ex-assistente, Emily Charlton (Emily Blunt). Agora uma influente executiva de um poderoso conglomerado de luxo, simplesmente a Dior, ela detém o controle das verbas publicitárias da grife, que Miranda desesperadamente precisa para manter a revista relevante.

As mudanças na trama não param por aí. Ago-

ra, a assistente número 1 de Miranda, a elegantíssima Amari (Simone Ashley, de “Bridgerton”), a orienta sobre o que pode ou não dizer para não cometer assédio moral contra a equipe da Runway - ou em qualquer outra esfera. A executiva, inclusive, fica responsável por guardar os próprios casacos quando chega à redação, quebrando o ciclo de abusos que as Emilys sofreram 20 anos atrás.

Além de Simone, o elenco ganhou o reforço de nomes como Kenneth Branagh, que faz Stuart, o marido de Miranda, Lucy Liu (Sasha) e Justin Theroux (Benji), no papel de bilionários. Há participações ilustres, como os estilistas Donatella Versace e Marc Jacobs, a apresentadora e modelo Heidi Klum e os artistas Jon Batiste e Lady Gaga.

O retorno de Meryl como a impiedosa editora-chefe era o maior desejo do público, mas é claro que a confirmação de Anne Hathaway no papel da jornalista Andy Sachs era fundamental para a narrativa. Stanley Tucci também volta à tela como Nigel Kipling, o braço direito de Miranda e o guardião de Andy, a outrora desastrada dona do suéter



Miranda (Meryl Streep) e Andy Sachs (Anne Hathaway) se reencontram na tentativa de salvar a Runway



MACALL POLAY

Entretenimento

azul. Esse quarteto promete levar multidões ao cinema mundo afora.

Na nova fase, Andy é apresentada como uma editora de prestígio que se vê novamente atraída para a órbita de Miranda em meio a um escândalo na Runway. Por sinal, a personagem estava em uma publicação de jornalismo investigativo quando ela descobre que o título é encerrado. Sem emprego, ela aceita o desafio de ajudar a recuperar a imagem arranhada do título fashion.

Como já afirmou o diretor sobre o momento de retomar a história, “o mundo do jornalismo impresso mudou”, bem como a própria sociedade. “Para colocar as coisas em perspectiva, o primeiro iPhone só foi lançado um ano após a estreia do primeiro filme, e eu acho que isso foi meio que o começo do fim. E, à medida que víamos o mundo do jornalismo impresso continuar seu declínio ano após ano, fez sentido explorar essa mudança e desenvolver uma história em que essas personagens acabassem interagindo novamente”, declarou Frankel.

Sem fazer spoilers, é possível contar que Andy volta a ter dificuldades de relacionamento com Miranda na nova dinâmica da revista. E também com a antiga colega, Emily. Madura, ela tenta lidar com os apertos impostos à publicação e busca saídas para a sobrevivência da Runway e de todos os funcionários. Já não exibe tantas peças de luxo, como no primeiro filme, trazendo uma realidade mais “pé no chão” na trama, de certo modo. Afinal, ela aprendeu a ser elegante. Andy brilha com peças de alfaiataria. Por outro, também se mostra desprendida: em conversa com uma assistente, Jin (Helen J. Shein) ela conta que doou a boina e as botas da Channel que despertaram suspiros no longa de 2006. Na história, a assistente deixa escapar seu espanto com essa ideia.

Grifes e marcas

Logicamente, há glamour na trama. Ou não seria “O Diabo Veste Prada”. Na primeira parte do filme, Miranda vai a uma festa de gala com um fabuloso vestido vermelho exclusivo criado por Pierpaolo Piccioli para Balenciaga. No momento em que a líder da Runway reencontra Andy, ela veste um conjunto cinza Sa Su Phi. A antiga assistente



Emily (Emily Blunt), agora uma executiva da Dior, dá as cartas como principal anunciante da revista

FOTOS MACALL POLAY

e a nova editora da revista traja coleite e calça vintage Jean Paul Gaultier. Em um encontro chique e glamouroso nos Hamptons, Andy aparece com um vestido Gabriela Hearst cheio de cores. Outra peça que desperta olhares é o casaco Dries Van Noten de Miranda em uma reunião na Runway.

Em relação ao figurino, Molly Rogers, que assumiu a missão da lendária figurinista Patricia Field (responsável pelas peças dos personagens em 2006), disse que investiu em visuais atemporais. “As peças não podiam ser tendências. Tive de abrir mão de itens que sa-

bia que não resistiriam aos próximos 20 anos”, contou. No primeiro filme, Paris foi o motivo da viagem de Miranda, Andy e Nigel. O destino da vez é Milão e Emily não fica distante do trio. Pelo contrário. Tem papel-chave na história. Na capital da moda na Itália, Andy usa, em um dos momentos cruciais da trama, calça de veludo preta inspirada na alfaiataria masculina com suspensórios bordados da coleção Armani Privé outono 2024. Em Milão, Miranda ostenta um look Armani Privé em homenagem ao estilista Giorgio Armani, falecido em setembro passado. E Nigel optou por Dolce & Gabbana e Armani.

Vale dizer que a semana de moda de Milão foi “invadida” pelo elenco no ano passado. No filme, uma seleção de grandes estilistas italianos participou da produção, incluindo Emilio Pucci, Etro, Fendi, Moschino, Missoni, Prada, e Roberto Cavalli.

Tal como o roteiro deixa claro, marcas são importantes para a realização de projeto (“Sem publicidade, não há Runway”, diz um dos personagens). Nesta sequência do blockbuster, estão presentes como patrocinadores – com direito a presença nos créditos finais – L’Oréal, Mercedes-Benz, Waldorf, Palazzo Parigi e United Airlines. Ao longo das cenas, surgem ou são mencionadas outras marcas, como Coca-Cola, iPhone, Uber, Tiffany, Valentino, Louis Vuitton. É isso, como diria Miranda. **E**



Um destaque do figurino é um Balenciaga vermelho exclusivo, usado por Miranda, ao lado de Nigel (Stanley Tucci)



Bonner recebeu 33 prêmios, conferidos em edições anteriores do Troféu Imprensa

Globo no SBT

No Troféu Imprensa, estrelas como Ana Maria Braga, Luciano Huck e William Bonner subiram ao palco como alguns dos vencedores do prêmio organizado pela TV de Silvio Santos

A lógica que organiza a televisão, baseada em concorrência e disputa por audiência, esteve suspensa por uma noite com o Troféu Imprensa, prêmio organizado pelo SBT e que teve exibição também pelo Disney+ no domingo, 26. Isso porque grandes estrelas da Rede Globo, como Ana Maria Braga, estiveram no palco do evento, dominando a lista de vencedores desta edição, que celebrou os 75 anos da TV brasileira, completos em setembro do ano passado.

Sob o comando de Patricia Abravanel e Celso Portioli, a 56ª edição do Troféu Imprensa premiou os destaques de 2025, reuniu trajetórias e celebrou o encontro de diferentes gerações que ajudaram a construir a televisão. Os ganhadores foram definidos pelos votos do júri especializado, formado por Chico Barney, Sonia Abrão, Hugo Gloss,

José Armando Vannucci, Fábila Oliveira, Fabrício Pellegrino, Keila Jimenez e Felipe Campos, e pela escolha popular, que conferiu o Troféu Internet.

Nomes como Luciano Huck, William Bonner e Glória Pires receberam seus troféus. Em alguns casos, foram entregues prêmios atribuídos em edições anteriores. A grande homenagem da noite foi Ana Maria Braga, homenageada com o “Troféu Imprensa Pela Sua História”, em reconhecimento à sua trajetória na televisão brasileira. A atriz Glória Pires também recebeu um “Troféu Imprensa Pela Sua História” como tributo à sua contribuição para a teledramaturgia. As duas tiveram momentos marcantes da carreira apresentados para o público.

No palco, Ana Maria falou de sua passagem pelo SBT, dizendo que ela é pouco conhecida, até mesmo por Patrícia

Abravanel. Ana Maria lembrou sua atuação em outros canais ainda, como Record e Tupi. “É muito fácil conseguir um espaço, mas o segredo é se manter dentro, né? E eu tenho o privilégio de estar em uma casa que me acolhe há 27 anos. Quem paga o meu salário não é a Globo, quem paga o meu salário são vocês. Sem o público eu não estaria aqui hoje. Eu consigo enxergar vocês no carro, em casa, cozinhando, trabalhando... isso me enche de orgulho”, ressaltou a apresentadora, que ganhou também o Troféu Internet.

A ligação de Ana Maria com o SBT surgiu após a falência dos Diários Associados, grupo proprietário da TV Tupi. Naquela época, Silvio Santos adquiriu a concessão da emissora, sob a condição de absorver os funcionários remanescentes da Tupi. “Éramos mais ou menos 2 mil pessoas”, disse a apre-

TROFÉU IMPRENSA

PELA SUA HISTÓRIA



Ana Maria Braga, entre Portioli e Patrícia Abravanel, foi uma das grandes homenageadas

DIVULGAÇÃO

Confira todos os vencedores:

Troféu Imprensa

Troféu Internet

Melhor Programa Diário

"Mais Você"

"Mais Você"

Melhor Conteúdo Infantil

"Mundo da Lua"

"Sábado Animado"

Melhor Jornal

"Jornal Nacional"

"Jornal Nacional"

Melhor Reality

"A Fazenda 17"

"A Fazenda 17"

Melhor Cantora

Simone Mendes

Ana Castela

Melhor Cantor

João Gomes

João Gomes

Melhor Programa de Auditório

"Programa Silvio Santos com Patrícia Abravanel" e "Domingão com Huck"

"Programa Silvio Santos com Patrícia Abravanel" e "Domingão com Huck"

Melhor Música

"P do Pecado" - Grupo Menos é Mais e Simone Mendes

"P do Pecado" - Grupo Menos é Mais e Simone Mendes

Melhor Ator

Alexandre Nero

Alexandre Nero

Melhor Apresentador

Celso Portioli e Luciano Huck

Celso Portioli

Melhor Apresentadora

Ana Maria Braga

Patrícia Abravanel

Melhor Novela

"Beleza Fatal"

"Vale Tudo"

Melhor Comercial

Álbum de Fotos - O Boticário

Melhor Atriz

Debora Bloch

Debora Bloch

Revelação Do Ano

Pedro Novaes

Pedro Novaes

sentadora, explicando que o empresário foi obrigado a manter esse contingente de trabalhadores por dois anos. Ela reforçou que essa condição foi fundamental para que Silvio pudesse iniciar as operações do SBT.

Quem também teve passagem pelo SBT foi Luciano Huck. Sob fortes aplausos da plateia, ele recebeu 11 estatuetas conquistadas em edições anteriores. Em seu discurso, o apresentador relembrou o início de sua carreira na televisão, justamente na emissora de Silvio Santos.

"O primeiro lugar em que apareci na televisão foi aqui, em outubro de 1994. Fico emocionado", disse. "Estar aqui hoje, mais do que falar da Globo ou do SBT, é falar da TV aberta. Os dois maiores nomes da TV brasileira são Roberto Marinho e Silvio Santos, e sinto que os dois estão representados aqui", completou.

Dentre os ganhadores, chamou atenção a quantidade de troféus do jornalista William Bonner. Foram 33 conquistados ao longo dos anos, entre premiações individuais e vitórias pelo "Jornal Nacional", reforçando a força do telejornal como uma das maiores referências do país. "É um prêmio generoso, que reconhece talentos de outras emissoras. Estou honrado de estar aqui. Está bizarra essa situação:

estou muito nervoso. A última vez que fiquei tenso nesse nível foi quando anunciei a minha saída do Jornal Nacional", confessou.

Decano da TV, Galvão Bueno, hoje no SBT, arrebatou sete troféus, coleção de prêmios dados em outras edições. "Estou duplamente feliz porque, além de estar aqui para receber mais troféus, agora estou na casa. Eu sempre disse que o Troféu Imprensa, para nós da comunicação e da televisão brasileira, é o nosso Oscar", declarou.

Criado em 1958 e transformado por Silvio Santos em uma das vitrines do setor, o Troféu Imprensa tem como característica premiar talentos de diferentes emissoras. Nesta edição, essa premissa ganhou mais força. A premiação buscou refletir a evolução da televisão brasileira, em suas diferentes fases e linguagens, dividindo o mesmo espaço.

Nessa linha, a cerimônia se esmerou em explorar outra camada: a da memória. A presença de personagens icônicos, como Garibaldi (pássaro amarelo gigante do programa "Vila Sésamo", que surgiu nos Estados Unidos em 1969 e que foi exibido por aqui em 1972) e Topo Gigio (ratinho criado na Itália em 1958 e que "desembarcou" no país em 1969), funcionaram no palco da premiação como um arquivo vivo da televisão brasileira. **E**

Filmes e séries

Disputa de poder entre meninos

O clássico livro "O Senhor das Moscas" chega em versão para streaming, em adaptação assinada por Jack Thorne, da série "Adolescência"



"O Senhor das Moscas"

Após sobreviverem a um naufrágio, um grupo de estudantes britânicos fica isolado em uma ilha deserta e tenta estabelecer uma estrutura de convivência. O que começa como uma busca por organização rapidamente se degenera em caos e barbárie quando ideais opostos dividem os garotos. Com estreia no dia 4, a série de quatro episódios, adaptada por Jack Thorne (vencedor do Emmy por "Adolescência"), foca na disputa de poder entre o líder Ralph (Winston Sawyers) e o rebelde Jack (Lox Pratt). A produção, baseada no clássico de William Golding, de 1954, conta com direção de Marc Munden e uma trilha sonora imersiva assinada pelo oscarizado Hans Zimmer.

Netflix

FOTOS DIVULGAÇÃO



Em cartaz no cinema

"Zico: O Samurai de Quintino"

Dirigido por João Wainer, o documentário aborda a trajetória de Arthur Antunes Coimbra, ídolo do Flamengo. O filme explora a passagem pelo Kashima Antlers, revelando o impacto de Zico no Japão, onde é chamado de "Deus do Futebol".



"2DIE4: 24 Horas no Limite"

Primeiro filme brasileiro finalizado para Imax, o documentário acompanha o piloto Felipe Nasr na prova 24 Horas de Le Mans. Tem participações de Reginaldo Leme e Tiago Mendonça. A direção é de Salomão e André Abdala.

Destaques do streaming

"Citadel" - Temporada 2

O thriller de espionagem retorna no dia 6 focado na reconstrução da agência de inteligência Citadel, destruída pela Manticore, uma coalizão secreta das famílias mais ricas e perigosas do mundo. Gabriel Leone está no elenco.

Prime Video



PAUL ABELL

"Origem" - Temporada 4

A nova fase da série, com estreia dia 7, mostra o drama de pessoas presas em uma cidade enigmática. Os moradores tentam manter a normalidade, mas à noite precisam se proteger de criaturas aterradoras.

Globoplay



Adeus a um pioneiro dos transplantes

O médico Silvano Raia morre aos 95 anos, deixando legado para a medicina mundial



REPRODUÇÃO/ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

Silvano Raia fez o primeiro transplante de fígado com doador vivo em 1988, um marco na literatura médica

A medicina perdeu na terça-feira, 28, um de seus expoentes. Referência internacional em cirurgia hepática, Silvano Raia morreu em São Paulo, aos 95 anos, vítima de complicações pulmonares. O médico paulista realizou, em 1985, com sucesso, o primeiro transplante de fígado com doador falecido na América Latina. Ele não apenas impulsionou a medicina e a ciência na região, como inscreveu seu nome na história global ao inovar em técnicas complexas que salvaram incontáveis vidas no mundo.

Formado em 1956 pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Raia foi professor da instituição por mais de quatro décadas. No Hospital das Clínicas, ligado à USP, criou a pioneira Unidade de Fígado.

Em 1988, três anos depois do primeiro transplante, ele realizou outro transplante hepático, mas com doador vivo, o primeiro registrado na literatura médica mundial.

Em 2000, após ter liderado 560 transplantes no Hospital das Clínicas, aposentou-se compulsoriamente na USP. De 2002 a 2006, chefiou a Unidade de Transplante do Hospital Israelita Albert Einstein, na capital paulista, realizando 500 transplantes e dedicando-se ao ensino pós-graduado em transplante hepático.

Junto ao Ministério da Saúde, o médico ajudou a expandir e consolidar a grande rede de transplantes do Sistema Único de Saúde (SUS). Foi também secretário municipal de Saúde de São Paulo entre 1993 e 1995.

Nos últimos anos, elegeu novo foco: o xenotransplante. A técnica foca no uso de órgãos de animais geneticamente modificados em humanos. Ele liderou em março deste ano uma iniciativa da USP que clonou o primeiro porco da América Latina, mirando o futuro do SUS.

Raia publicou centenas de trabalhos e orientou quase 30 teses. Em nota, a Faculdade de Medicina da USP destacou que a atuação do médico foi decisiva para a formação de novas gerações de profissionais e especialistas, contribuindo “para o avanço da ciência, sempre pautada pela inovação, pelo rigor acadêmico e pelo compromisso com a vida”. Já a Academia Nacional de Medicina, da qual era membro, pontuou que Raia foi reconhecido por sua “trajetória marcada pela excelência, inovação e dedicação inabalável ao ensino e à assistência médica”. **E**

Força política



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Pela segunda vez, Luciana atuava como vereadora; a Câmara Municipal a definiu como símbolo de perseverança

A vereadora Luciana Novaes, do Rio, transformou dor em luta

Aos 42 anos, a vereadora Luciana Novaes (PT) faleceu na segunda-feira, 27, no Rio de Janeiro. A morte foi confirmada após conclusão do protocolo de morte cerebral, conjunto de exames exigido pela medicina para atestar a perda irreversível das funções do cérebro. A parlamentar estava internada em estado grave desde o fim de 2025, em decorrência de problemas de saúde. A história de Luciana mudou em 2003, aos 19 anos, quando cursava enfermagem e foi atingida por uma bala perdida na Universidade Estácio de Sá, na zona norte do Rio. O episódio a deixou tetraplégica e dependente de ventilação mecânica. A jovem se formou em Serviço Social e concluiu uma pós em Gestão Governamental. Na política, elegeu-se vereadora em 2016. Deixou um legado de quase 200 normas voltadas à inclusão, defesa de pessoas com deficiência, idosos e vulneráveis. Em 2020, impossibilitada de ir às ruas pela pandemia, obteve 16 mil votos. Em 2022, fez 31 mil votos para deputada federal. Em 2023, retornou à Câmara do Rio, que a homenageou em comunicado dizendo que Luciana foi “símbolo de perseverança e superação”. **E**

Alerta médico

Viralizou um vídeo que faz alerta sobre xaropes contra tosse que usam um composto suspenso pela Anvisa. Reação do ministro Gilmar Mendes a críticas de Romeu Zema (Novo) também chamou atenção

Stephanie Mecco

Xaropes para tosse suspensos pela Anvisa

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) determinou a suspensão de remédios com clobutinol, substância presente em alguns xaropes antitussígenos. A decisão foi tomada após avaliação que apontou que os riscos superam os benefícios. Usado para aliviar a tosse seca, o composto pode provocar arritmias cardíacas graves. Em casos raros, as alterações podem levar a desmaios e à morte súbita. O alerta não é novidade entre médicos: em 2007, a Agência Europeia de Medicamentos retirou a substância do mercado pelo mesmo motivo. Em caso de tosse persistente, procure orientação médica.



Temer: Gilmar não deveria ter respondido Zema

O ex-presidente Michel Temer afirmou que o ministro Gilmar Mendes, do STF, não deveria ter reagido às publicações críticas que o presidente Romeu Zema (Novo) fez à corte. “Quanto mais ele responde, mais argumentos dá à contestação”, disse, em entrevista durante o 8º Fórum Paulista de Desenvolvimento, em Itu (SP). Na semana passada, Mendes pediu que Zema fosse investigado no inquérito da fake news após o político publicar um vídeo com bonecos que simulam uma conversa entre ministros do Supremo.



“Michel” arrecada R\$ 1 bilhão

Cinebiografia de Michael Jackson, “Michael” registrou a segunda maior estreia do ano nas bilheteiras do mundo. O filme chegou aos cinemas brasileiros na semana passada e tem dividido opiniões. O longa-metragem arrecadou cerca de US\$ 206,4 milhões (pouco mais de R\$ 1 bilhão) no período de estreia. A cinebiografia, estrelada por Jaafar Jackson, sobrinho do cantor, recria a trajetória do artista, da infância ao auge da carreira, mas deixa de fora alguns dos momentos mais controversos da vida do astro.



Cantor Leonardo aparece de olho roxo

Um acidente sofrido durante uma pescaria no Pantanal foi a razão alegada pelo cantor Leonardo, 62 anos, nas redes sociais, na sexta-feira, 24, para o olho roxo que exibiu. Ele apareceu em vídeo no Instagram após receber atendimento no hospital. O artista contou que escorregou dentro da canoa e bateu o rosto. “Vocês acham que vida de pescador é fácil, né?”, brincou.



Rafaella Justus faz nova rinoplastia

A influenciadora Rafaella Justus, filha de Roberto Justus e Ticiane Pinheiro, anunciou ter passado por mais uma rinoplastia. No Instagram, a adolescente de 16 anos explicou que a intervenção cirúrgica foi uma escolha pessoal para se olhar com mais carinho, e não por falta de autoestima.



www.istoe.com.br

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

YouTube: youtube.com/@revistaISTOE

Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

X: x.com/istoe

Palavra por palavra



STEPHANIE LECOCQ/AFP

"Isso seria chique!"

Emmanuel Macron, presidente da França, em réplica ao discurso de Charles III publicada no X



DIVULGAÇÃO/MANUELLA MELLO

"Estou até com medo do público enjoar de mim"

Antonio Fagundes, ator, 77 anos, em entrevista ao "TV Fama" (Rede TV), em que falou sobre o acúmulo de projetos no teatro, na televisão e no cinema, todos em maio

"Meu maior desafio dentro desse projeto foi ter de conviver com uma misoginia interna. Acho que isso era o que no começo me deixava travada, essa sensação de abafamento. As pessoas veem o resultado na tela, mas não fazem ideia das coisas que acontecem nos bastidores"

Bella Campos, atriz, em entrevista ao podcast Conversa Vai, Conversa Vem, do jornal O Globo, sobre problemas que teve nas gravações da novela "Vale Tudo", sem mencionar nomes

"Subir custo das empresas é inviável. Mas o trabalhador precisa ter seu dia de descanso. Teriam de sentar na mesa para ver o que é bom para os dois lados. (...) Tem de pensar também que as mulheres estão no mercado de trabalho e que elas têm uma jornada dupla. Talvez o momento não seja esse, mas [a PEC da escala 6x1] exige uma discussão muito séria"

Luiza Trajano, presidente do Conselho de Administração do Magazine Luiza, sobre PEC que está em debate no Congresso

Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

